

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
CURSO: HISTÓRIA

ADNAELLE DE JESUS DA CRUZ

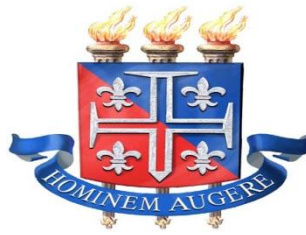
FUMICULTURA E TRABALHO: A IMPORTÂNCIA DA CULTURA FUMAGEIRA E O
IMPACTO DO FECHAMENTO DA EMPRESA AGRO COMERCIAL NA SOCIEDADE E
NA ECONOMIA CRUZ-ALMENSE.

UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA

2023



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
CURSO: HISTÓRIA

ADNAELLE DE JESUS DA CRUZ

FUMICULTURA E TRABALHO: A IMPORTÂNCIA DA CULTURA FUMAGEIRA E O
IMPACTO DO FECHAMENTO DA EMPRESA AGRO COMERCIAL NA SOCIEDADE E
NA ECONOMIA CRUZ-ALMENSE.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação em
Historia pela Universidade do Estado da
Bahia como requisito para a obtenção ao
grau de licenciada em História.

UNEB

Orientador: Profº Dr Edinaldo Antônio de Oliveira Sousa

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO


FUMICULTURA E TRABALHO: A IMPORTÂNCIA DA CULTURA FUMAGEIRA E O IMPACTO DO FECHAMENTO DA EMPRESA AGRO COMERCIAL NA SOCIEDADE E NA ECONOMIA CRUZ-ALMENSE.

ADNAELLE DE JESUS DA CRUZ


Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em História, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V, Departamento de Ciências Humanas.

Aprovada em: 20 / 12 / 2023


Banca Examinadora:



Profº Dr. Edinaldo Antônio de Oliveira Souza - Orientador
Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Campus V)



Profº Me. Denilson Lessa dos Santos - Examinador (a)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Campus V)



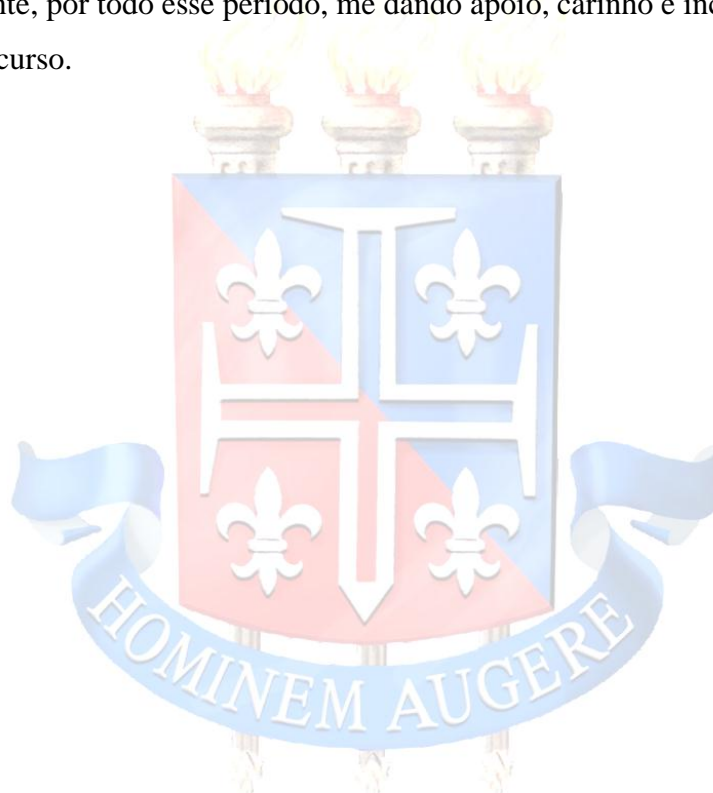
Profº Dr. Hamilton Rodrigues dos Santos - Examinador (a)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Campus V)

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa, em primeiro lugar, a Deus que tem sido a minha força em todos os momentos do curso de graduação. Em seguida, dedico a minha família que esteve junta comigo, intensamente, por todo esse período, me dando apoio, carinho e incentivo para que eu pudesse concluir o curso.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que estiveram me apoiando neste período, em primeiro lugar a Deus. Em seguida aos meus pais, Adna e Edvaldo por me educarem e me incentivarem em toda a vida acadêmica.

Também agradeço aos meus irmãos, Adriele e Elnatã que estão comigo em todos os momentos de minha vida, ambos são de extrema importância em minha vida.

Outras pessoas também são importantes em minha vida, e merecem meus agradecimentos, dentre elas estão minhas avós paterna e materna, meus tios e tias, meus primos e primas, meus colegas Roberta, William, Mariane, Luciano, Alisson e os demais estudantes da turma, que caminharam junto a mim nessa trajetória, além de meus vizinhos e amigos próximos.

Aos (às) trabalhadores (as) e demais entrevistados que se dispuseram a rememorar as suas experiências, tornando-se fontes indispensáveis e, ao mesmo tempo, os protagonistas dessa história.

Gostaria de agradecer ao meu orientador o Professor Edinaldo, que acompanhou com paciência e dedicação todo o processo de construção dessa pesquisa com orientações valiosas, e importantes para a construção deste TCC.

E, por fim, gostaria de agradecer a três pessoas em especial, a minha tia Jacilene por incentivar a sua sobrinha e apoiá-la nos estudos.

A minha prima Floriana, que me apoiou com conselhos e incentivo para que eu fizesse o vestibular da UNEB, e por fim agradeço a prima e amiga Verônica que foi junto comigo para fazer o vestibular e me incentivou e torceu por mim pela aprovação, e vibrou por mim quando o resultado saiu.

Assim agradeço a todos que estiveram comigo desde o início, cada um teve sua importância nesse período.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

RESUMO

O início do cultivo de fumo na cidade de Cruz das Almas é datado do final do século XIX, e tem como marco principal a chegada do grupo Suerdieck no Recôncavo Baiano. No decorrer do tempo, a fumicultura foi apresentando um crescimento contínuo, intercalado com períodos de refluxo na produção. Em decorrência dessa ascensão, foram construídas empresas que passaram a atuar nesse segmento, como a Suerdieck & CIA responsável pela produção de charutos e cigarrilhas, armazéns de beneficiamento e comercialização do fumo e a empresa Agro Comercial Fumageira Ltda, subsidiária da Suerdieck, dedicada ao cultivo, em grande escala, de fumo, em específico a espécie Sumatra originária da Indonésia. O fumo cultivado na Agro era produzido para atender à demanda de matéria-prima, exclusivamente da Suerdieck para o fabrico dos produtos feitos por esta, mas também para a exportação. O fumo, então, passou a ser um dos principais produtos da economia cruz-almense e a cultura fumageira a principal fonte de emprego e renda na cidade. Muitos dos trabalhadores contratados pelas empresas já trabalhavam anteriormente na agricultura familiar, sendo convertidos ao trabalho assalariado. A Agro chegou a contratar por volta de dois mil trabalhadores nos campos de cultivo de fumo de sua propriedade, podendo aumentar esse quantitativo nos períodos de maior produção. A Suerdieck também possuía uma grande quantidade de operários em sua fábrica. Portanto, diversos trabalhadores encontravam nessas empresas os meios de subsistência necessários para sua família. Contudo, em 1995 houve um grave problema nos fumos cultivados pela Agro, seguida do fechamento da fábrica, levando à perda da safra daquele ano. Em decorrência desse acontecimento e de problemas administrativos, no contexto de uma ascendente campanha antitabagismo, foi decretada a falência da empresa, resultando na dispensa de centenas de trabalhadores. Os postos de trabalho, tanto no cultivo do fumo quanto na produção de charutos e cigarrilhas, eram ocupados, sobretudo, por mulheres. Esse estudo pretende analisar a importância da cultura fumageira e o impacto socioeconômico do fechamento das respectivas empresas na cidade de Cruz das Almas, entre as décadas de 1990 e 2010.

Palavra chave: Fumo; Agro Comercial Fumageira Ltda; Trabalho.

ABSTRACT

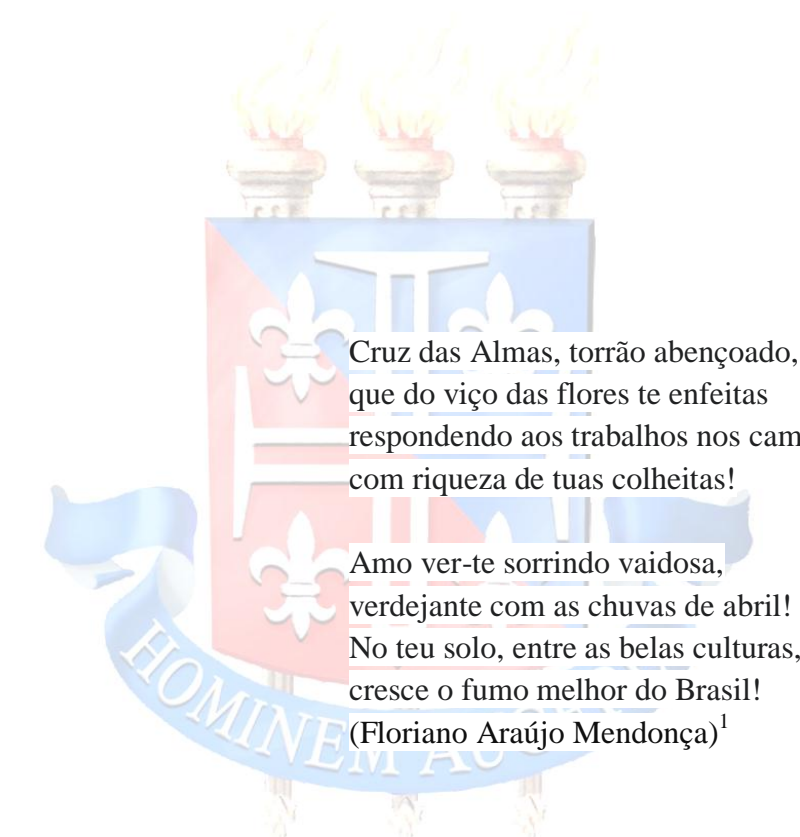
The beginning of tobacco cultivation in the city of Cruz das Almas dates back to the end of the 19th century, and its main milestone was the arrival of the Suerdieck group in Recôncavo Baiano. Over time, tobacco farming showed continuous growth, interspersed with periods of decline in production. As a result of this rise, companies were built that began to operate in this segment, such as Suerdieck & CIA responsible for the production of cigars and cigarillos, tobacco processing and marketing warehouses and the company Agro Comercial Fumageira Ltda, a subsidiary of Suerdieck, dedicated to the cultivation, on a large scale, of tobacco, specifically the Sumatra species originating from Indonesia. The tobacco grown at Agro was produced to meet the demand for raw materials, exclusively from Suerdieck for the manufacture of products made by it, but also for export. Tobacco then became one of the main products of the Cruz-Almense economy and tobacco farming became the main source of employment and income in the city. Many of the workers hired by companies had previously worked in family farming, being converted to salaried work. Agro even hired around two thousand workers in the tobacco fields it owns, and could increase this number during periods of greater production. Suerdieck also had a large number of workers in its factory. Therefore, several workers found the necessary means of subsistence for their families in these companies. However, in 1995 there was a serious problem with the tobacco grown by Agro, followed by the closure of the factory, leading to the loss of that year's harvest. As a result of this event and administrative problems, in the context of a growing anti-smoking campaign, the company was declared bankrupt, resulting in the layoff of hundreds of workers. . Jobs, both in tobacco cultivation and in the production of cigars and cigarillos, were occupied, above all, by women. This study intends to analyze the importance of the tobacco culture and the socioeconomic impact of the closure of the respective companies in the city of Cruz das Almas, between the 1990s and 2010s.

Key words: Smoke; Agro Comercial Fumageira Ltda; Work.

UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

EPÍGRAFE



Cruz das Almas, torrão abençoado,
que do viço das flores te enfeitas
respondendo aos trabalhos nos campos,
com riqueza de tuas colheitas!

Amo ver-te sorrindo vaidosa,
verdejante com as chuvas de abril!
No teu solo, entre as belas culturas,
cresce o fumo melhor do Brasil!
(Floriano Araújo Mendonça)¹

UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

¹ Trecho do hino a Cruz das Almas, na sua composição tem letra escrita pelo Prof. Floriano de Araújo Mendonça e a música pelo Maestro Eduardo Vieira de Mello. O hino oficial foi instituído conforme Decreto Municipal 1.173/74 de 29 de julho de 1974.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Getúlio Vargas fumando um charuto da Suerdieck.	23
Figura 2:	Folha de fumo, monumento em homenagem à cultura do fumo.	25
Figura 3:	Discricionário da Praça Geraldo Suerdieck.	25
Figura 4:	Discricionário do monumento ao fumo.	25
Figura 5:	Área de plantio de fumo na localidade da Umbaubeira.	35



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. DO APOGEU AO DECLÍNIO.	15
1.1 A ASCENSÃO DA ECONOMIA FUMAGEIRA NO RECÔNCAVO	15
1.2 A TRADIÇÃO FUMAGEIRA NO RECÔNCAVO	16
1.3 A IMPLANTAÇÃO DA SUERDIECK E DA AGRO COMERCIAL FUMAGEIRA NA CIDADE DE CRUZ DAS ALMAS E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DE TABACO.	20
1.4 POLÍTICA DE SAÚDE PÚBLICA E PROPAGANDA ANTITABAGISMO: O SEU IMPACTO NA PRODUÇÃO DE FUMO	25
1.5 A IMPLANTAÇÃO DAS POLITICAS CONTRA O TABAGISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.	27
2. AGRO COMERCIAL FUMAGEIRA LTDA.	31
2.1 A AGRO COMERCIAL FUMAGEIRA LTDA E OS TRABALHADORES LOCAIS.	31
2.2 O TRABALHO NA AGRO COMERCIAL FUMAGEIRAS LTDA.	34
2.3 O FECHAMENTO DA AGRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE CRUZ-ALMENSE.	35
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA	44

INTRODUÇÃO

A cultura do fumo está presente no território brasileiro desde o período colonial, e por muito tempo, esteve entre os principais produtos de exportação da Bahia, sobretudo no Recôncavo Baiano. O fumo teve grande importância no século XVIII, sendo responsável por grandes volumes de exportações anuais, apesar das oscilações entre períodos de altas e baixas. Como destaca Barickman (2003), um dos momentos de alta desse produto foi no início da exploração do ouro em Minas Gerais, quando houve a necessidade de exportar o produto para a África em troca de mão de obra escrava para as minas.

O principal momento de queda nas exportações deste produto começa a partir de 1816. Para Barickman, “condições meteorológicas adversas contribuíram para o declínio” da produção e, dessa forma, para a queda na exportação do produto no decorrer do século XIX. As secas contribuem, de certa maneira, para o declínio da produção, pois estas afetam o desenvolvimento da planta, ocasionando a baixa produtividade.

Outros fatores que podem ter contribuído para o refluxo foram às guerras de independência e a extinção do tráfico de negreiro. A guerra de independência vai causar uma paralisação das exportações, além da mudança no consumo de fumo, que se desenvolveu de forma lenta, do fumo de corda para o tabaco em folha. Barickman (2003) vai destacar ainda a influência da saída dos comerciantes portugueses do território brasileiro, após a independência, naquele processo de declínio da cultura fumageira. As exportações foram retomadas novamente ao fim de 1823.

Antes da aprovação da Lei Eusébio de Queiroz (1850), observou-se uma intensificação do tráfico negreiro e conseqüentemente um aumento na troca do fumo pelo escravizado, fazendo com que houvesse uma saturação do produto no mercado estrangeiro, apesar do acordo ocorrido em 1815 entre Portugal e Inglaterra pelo fim do tráfico de negros para o Brasil.

Outro fator que alterou o mercado do fumo foi à mudança no gosto dos consumidores do produto, no contexto em que o fumo de corda perdeu espaço para o fumo em folha, que viria a ser utilizado na fabricação de charutos. Contudo, segundo Barickman (2003), a transição de um produto para outro não foi tão rápida quanto o necessário para estimular o comércio, em vista da importância que o fumo de corda conservava no tráfico negreiro. Dessa forma, a adaptação do produto a esta mudança ocorreu de forma lenta.

No início do século XX, a economia baiana teve o seu desenvolvimento impulsionado, sobretudo, a partir do crescimento industrial na região Sudeste do país, com as indústrias do setor de tecidos, vestuário e alimentar, passou a ser o principal destino das exportações de gêneros alimentícios e matérias-primas produzidas no Estado baiano. Segundo Pinto, *et. al.* (1979), no Estado de São Paulo, os recursos produzidos pela atividade cafeeira propiciaram o investimento na construção das rodovias pelo país, importante meio de locomoção entre as cidades para a troca comercial, fazendo com que as áreas urbanas tivessem acesso às indústrias baianas que estavam se difundindo no período.

É nesse contexto que algumas empresas e empreendedores estrangeiros, principalmente alemães, vão adentrarem na economia baiana. Foi então que o empresário alemão August Suerdieck², passou a investir na economia fumageira baiana, especialmente nas cidades de Cruz das Almas, Cachoeira e Maragogipe no Recôncavo Baiano. Segundo Elizabete Silva,

Nesse período, diversos outros fatores também contribuíram para transformar a manufatura fumageira da região numa das mais significativas atividades econômicas da Bahia como, por exemplo, abundância de matéria-prima e de mão de obra barata, rio navegável com porto natural que facilitava o escoamento da produção para Salvador e de lá para o exterior, rede ferroviária e infraestrutura adequada, além do crescimento do mercado interno. (SILVA, 2011, p.77)

Nesse contexto também vão se destacar na economia baiana, o cacau, a mandioca, a citricultura, etc. Esses produtos já estavam inseridos no comércio baiano, sendo responsáveis pelo desenvolvimento de algumas cidades nas quais eram a atividade principal, propiciando um comércio ativo com a capital do Estado, Salvador.

Tendo em vista a importância da economia fumageira no Recôncavo Baiano, as recorrentes flutuações na produção e nas exportações do fumo, que se verificam desde o século XIX, e considerando as possíveis implicações econômicas e sociais dessas oscilações, a escolha dessa temática como objeto central de pesquisa está associada à relevância dessa atividade como importante fonte de emprego e renda para um número significativo de famílias trabalhadoras, no município de Cruz das Almas e outras cidades do Recôncavo baiano ao longo do século XX.

Durante o século XX, o fumo se consolidou como um dos principais produtos de exportação da Bahia, a princípio, ficando atrás apenas do açúcar e do cacau, até o advento da indústria petrolífera. A sua produção, durante muitos anos, esteve presente nas grandes e

² August Wilhelm Suerdieck nasceu em Melle, Alemanha, no dia 1º de janeiro de 1860. Seu pai, Joseph Suerdieck, era comerciante de fumos e o avô, Anton Suerdieck, tinha sido produtor de fumos.

pequenas propriedades de terra, sendo assim também estava ligada à economia familiar. Segundo Lopes (2004), a produção de fumo esteve em processo de disputa pelo espaço de terra com a mandioca no Recôncavo baiano, tratando-se assim de uma produção que esteve inserida em um território de competição. Esse processo foi observado a partir da proibição da plantação de fumo em terras presentes em diversas freguesias da Bahia a partir de 1704, no período colonial, proibição essa que beneficiou a cultura da mandioca em algumas cidades baianas do Recôncavo.

A cultura fumageira teve grande influência no desenvolvimento do comércio da Bahia, tendo se destacado no setor econômico e social do Estado, visto que esteve presente no cotidiano de diversas famílias. Da grande à pequena propriedade de terra, muitas famílias sobreviveram e outras prosperaram a partir do comércio deste produto. Lopes (2004) destaca esse aspecto ao analisar a produção de fumo dentro do seio familiar, desde o período colonial, onde as etapas da produção eram divididas entre o proprietário e a família trabalhadora, com pouca utilização de mão de obra escrava. Essa mão de obra não era tão presente na produção de fumo, pois a maioria dos escravos enviados para a Bahia era destinada à produção açucareira.

Assim, desde o início, a mão de obra empregada na produção do fumo estava associada ao trabalho familiar, mediante contratos, quase sempre, informais e formas variadas de remuneração, o que posteriormente será alterado com o processo de industrialização e racionalização da produção. Além do beneficiamento e a manufatura, aos poucos a indústria assume também o cultivo do produto, para a produção da matéria prima industrial e passa a controlar mais racionalmente o trabalho, com a contratação de trabalhadores para os diversos setores, desde a plantação e o beneficiamento das folhas do fumo até a manufatura dos charutos e cigarros. No setor agrícola, passa a predominar os contratos por safras, conforme a sazonalidade da produção.

Como se observa, com as mudanças no sistema de produção, decorrente do processo de industrialização, mudam-se as relações de trabalho, com a grande empresa produtora de fumo passando a controlar mais diretamente o tempo, o ritmo e a intensidade do trabalho dos empregados. Esse processo de proletarização da mão de obra vai deixar o trabalhador, cada vez mais, dependente das decisões da empresa, da sazonalidade e das oscilações na produção.

Além da sazonalidade, que implica a dispensa dos trabalhadores nos períodos de entressafra, volta e meia à produção é reduzida, por diversos fatores, tais como o desgaste da terra e o clima da região, o que implica a diminuição da demanda de trabalho e do

quantitativo de trabalhadores presentes nas unidades produtoras de fumo. Contudo, o impacto maior deu-se com o fechamento da empresa Agro Comercial Fumageira e da fábrica de charutos Suerdieck, na cidade de Cruz das Almas, no final dos anos 1990. Diante disso pretendo estudar os efeitos socioeconômicos do fechamento dessas empresas na economia municipal, sobretudo o impacto na vida dos trabalhadores nesse período.

Dessa forma, a pesquisa também procura entender a instabilidade dos trabalhadores, considerando as oscilações entre contratações e dispensas no período estudado. E como esse processo impacta nas condições econômicas e sociais do município, especialmente entre os trabalhadores. O estudo aborda ainda o perfil social da mão de obra empregada no cultivo de fumo, tendo em vista o predomínio da origem rural, de mulheres, negros (as) e mestiços (as), conforme Elizabete Rodrigues da Silva (2013).

Trata-se, portanto, de um estudo de caso, com dados obtidos a partir da história oral e de estudos bibliográficos, tomando como espaço de observação a cidade de Cruz das Almas, local onde a cultura fumageira teve grande importância nos setores econômico e social, ao longo do século XX, visto que empregava diversas famílias na lavoura, armazéns de beneficiamento, na produção doméstica e nas indústrias de charutos, representando a principal fonte de renda, sobrevivência e prosperidade na sociedade cruz-almense. No decorso do século XX, posteriormente, a produção do fumo foi sendo absorvida pela indústria, que passou a empregar diversas famílias na plantação e colheita do produto, que era sua principal matéria-prima. Em Cruz das Almas, uma empresa que se destacou nesse cenário foi a Agro Comercial Fumageira Ltda, subsidiária da Suerdieck, criada na década de 1950, que se tornou uma grande empregadora da mão-de-obra trabalhadora da cidade, até o seu fechamento nos anos 1990.

A temporalidade abarcada na presente pesquisa inicia-se na década de 1990, ainda durante o funcionamento das empresas, focaliza o fechamento delas e estende-se até 2010, período em que os efeitos se fizeram mais evidentes. A presente pesquisa tem como aporte teórico a história econômica e social. Dentro deste campo encontra-se a possibilidade de entender os processos econômicos e sociais que permeiam a sociedade. Nesse sentido, consideramos que o processo de queda da produção de fumo e o fechamento das respectivas empresas envolvem tanto o setor econômico, no que se refere à produção e à economia local, quanto impacta diretamente no meio social, sobretudo na vida dos trabalhadores. De mesmo modo, quando se fala da importância da economia fumageira, pretende-se destacar a importância do respectivo trabalho na vida dos trabalhadores e de outros setores da sociedade. .

Portanto o aporte teórico e metodológico da pesquisa se ampara tanto em estudos da história econômica quanto da história social. B. J Barickman (2003) e Lopes (2004), Costa Pinto (1998) ajudam a entender o processo de implantação e desenvolvimento da economia fumageira no Recôncavo baiano e na cidade de Cruz das Almas em específico. A história social, ao lançar luz sobre os “excluídos da história”, incluir o ponto de vista dos subalternos, procurar compreender as “experiências dos trabalhadores” nos diversos “mundos do trabalho”, nos ajudam analisar as experiências dos trabalhadores e trabalhadoras na cultura fumageira (THOMPSON, 1987; 1998; PERROT, 1988; HOBBSBAWM, 2000).

Nessa perspectiva, trona-se imprescindível compreender a apropriação e utilização de conceitos e fundamentos teóricos e metodológicos da história social pelos estudos da história social do trabalho, especialmente aqueles que tratam sobre experiências de trabalhadores rurais, no Brasil (BATALHA, 2002; NEGRO; GOMES, 2006; SILVA, 2001; SOUZA, 2012; SANTANA, 1998; DEZEMONE, 2007, STÉDILE, 1994; GRYNSPAN, 2003). Bem como, aliadas ao diálogo com essa historiografia, são relevantes as contribuições de memorialistas locais cruz-almenses, que escreveram sobre o desenvolvimento do fumo em Cruz das Almas, dentre eles Alino Mata Santana, Mario Pinto da Cunha. Além das contribuições de Ubaldo Marques Porto Filho sobre o desenvolvimento de grandes empresas desse setor, tanto na Bahia quanto na cidade de Cruz das Almas.

A pesquisa contou com cerca de 10 entrevistados, dentre eles estão trabalhadores de diferentes funções da Agro. Além destes, os comerciantes e políticos locais também fizeram parte desta pesquisa. Os entrevistados, em sua maioria são oriundos da zona rural do município, especialmente da comunidade da Umbaubeira, e os demais são moradores da região urbana da cidade. A duração de cada entrevista varia entre três a quarenta minutos, e foram transcritas para análises posteriores.

No que concerne à metodologia utilizada na realização das entrevistas e na análise das memórias relatadas pelos depoentes, é de fundamental importância o diálogo com a produção teórica e metodológica que trata da relação entre memória e história, memória coletiva, memória seletiva, esquecimento e silenciamento (POLLAK, 1989; THOMPSON, 2002; HALBWACHS, 1990).

Além da presente introdução, o texto é composto por dois capítulos intitulados “Do apogeu ao declínio”, “Agro Comercial Fumageira Ltda” e a conclusão. No primeiro capítulo é discutida a construção histórica do fumo e o seu desenvolvimento no Recôncavo Baiano, o que abre espaço para o diálogo sobre esta questão no município de Cruz das Almas, local de estudo da presente pesquisa, além das políticas contra o tabagismo. O segundo capítulo,

discorre sobre a empresa Agro Comercial Fumageira Ltda seu desenvolvimento na cidade, em vista os trabalhadores que se estabeleceram através dela.



CAPÍTULO 1- DO APOGEU AO DECLÍNIO.

O presente capítulo é dividido em cinco tópicos importantes, o primeiro intitulado “A ascensão da economia fumageira no Recôncavo”, que visa compreender o desenvolvimento da cultura fumageira no Recôncavo Baiano. O segundo é titulado “A tradição fumageira no Recôncavo”, que trata das tradições agrícolas das cidades do Recôncavo, principalmente o tabaco. O terceiro é intitulado, “A implantação da Suerdieck e da Agro Comercial Fumageira na cidade de Cruz das Almas e sua influência na produção de tabaco”, onde é tratada a construção histórica da atividade fumageira no município de Cruz das Almas. O quarto tópico é intitulado “Política de saúde pública e propaganda antitabagismo: o seu impacto na produção de fumo”, que é desenvolvido a partir do desenvolvimento das políticas contra o tabagismo. O último tópico titulado de “A implantação das políticas contra o tabagismo e suas consequências” discorre sobre os resultados dessas políticas no meio social.

1.1 A ASCENSÃO DA ECONOMIA FUMAGEIRA NO RECÔNCAVO

A tradição da cultura do fumo na cidade de Cruz das Almas, no Recôncavo baiano, teve impulso a partir de 1888. Um ano após a emancipação política da cidade, com a chegada do empresário alemão August Suerdieck ao Recôncavo houve um aumento significativo na produção e no comércio de fumo, com implicações nas práticas de trabalho, em vista da contratação de inúmeras pessoas para o trabalho no cultivo, beneficiamento e manufatura do produto.

Alino Mata Santana (1997) contribui para uma percepção da importância da produção de fumo em Cruz das Almas e nas regiões produtoras no período de um século, entre 1897 e 1997. O autor destaca dados sobre a produção de fumo na principal fábrica que atuou na cidade naquele período, a Suerdieck, fundada em 1935. Durante o período de funcionamento, a empresa apresentou um grande poder empregatício. Segundo o autor, em 1985, no final do período analisado, mais de 500 trabalhadores foram contratados para a produção de charutos e cigarrilhas. Vale salientar que a empresa não estava sediada apenas na cidade estudada, mas também na vizinha Maragogipe e em Cachoeira.

Em 1950 foi criada na cidade a empresa Agro Comercial Fumageira, uma subsidiária da Suerdieck, com o objetivo de expandir o cultivo do fumo na cidade, a principal matéria-prima para a produção dos charutos e cigarrilhas. Segundo Santana, essa empresa empregou mais dois mil trabalhadores em 1995, número que podia apresentar oscilações em períodos de maior ou menor produção e em virtude da sazonalidade. Nesse período, a estimativa de produção anual da fumicultura, apontada pelo autor, seria de 500 toneladas por ano, quando

boa parte da produção era exportada para países como Bélgica, Holanda, Estados Unidos, entre outros.

Esses dados dão uma dimensão da importância econômica e social das empresas envolvidas na produção de fumo no Recôncavo baiano, sobretudo com a geração de empregos e renda para a população local. Contudo, esse quadro foi mudado a partir do fechamento da Agro Comercial Fumageira em 1996 e da falência da fábrica de charutos Suerdieck em 1999, o que ocasionou a diminuição da produção de cigarros e a consequente redução dos vínculos empregatícios.

Os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) apontam uma grande diminuição na produção de fumo em Cruz das Almas, após o fechamento da fábrica. Em 2006, foram produzidas 2.178 toneladas de fumo em 1815 hectares de área plantada, ao passo que, em 2010 a produção caiu para 1.316 toneladas em 1.100 hectares de área plantada. Esses dados apontam uma redução expressiva da produção de fumo, o que consequentemente implicou a diminuição do número de trabalhadores empregados.

Um dos principais motivos que explica o fechamento da fábrica de charutos Suerdieck foi a crise econômica vivenciada pelo setor fumageiro nas últimas décadas do século XX, que levou ao fechamento de sua matriz situada na cidade de Maragogipe, em 1992. Isso provocou uma redução na demanda pela matéria prima utilizada na produção do charuto e cigarrilhas, o fumo, atingindo a produção da Agro Comercial Fumageira uma empresa agrícola subsidiária do grupo Suerdieck, que empregava um grande número de trabalhadores, em 1996. Para analisar esse processo, a primeira parte do texto discorre sobre a formação da economia fumageira na cidade de Cruz das Almas, buscando entender a construção socioeconômica do território em questão. Aborda a implantação da Suerdieck no Recôncavo Baiano e sua subsidiária que, atuando na referida cidade, contribuíram para os desdobramentos subsequentes dos aspectos econômicos e sociais.

Em seguida, aborda os possíveis efeitos, ao nível local, da Convenção Quadro para Controle do Tabaco, produzida no início dos anos dois mil com o objetivo de regulamentar o consumo do tabaco, com a redução do hábito de fumar da população mundial. Também analisa o perfil dos trabalhadores empregados no cultivo do fumo, as relações trabalhistas e os processos realizados na empresa Agro Comercial Fumageira.

Por fim, analisa as consequências socioeconômicas da diminuição da produção de fumo, sobretudo entre os trabalhadores. A primeira questão a ser analisada é como as demissões, tanto na fábrica Suerdieck quanto nos campos produtores de fumo, afetaram os

trabalhadores e a economia da cidade, considerando ser o fumo uma das principais fontes de renda da localidade. Quais as origens desses trabalhadores? Como se caracterizavam os vínculos empregatícios? Qual a importância da cultura fumageira na vida deles? Quais as consequências da crise na economia fumageira em suas vidas?

1.2 A TRADIÇÃO FUMAGEIRA NO RECÔNCAVO

O Recôncavo baiano é uma região localizada em torno da Baía de Todos-os-Santos, que abrange não só a região litorânea, mas também uma faixa do interior do Estado entre o litoral e o semiárido, que foi desenvolvida a partir de uma economia baseada na agricultura. Segundo Milton Santos (1998), o Recôncavo possui cerca de 28 municípios, subdivididos em regiões com atividades econômicas diferentes que se interligam pela sua capital Salvador. O autor considera a região como um espaço diversificado, disposto em sub-regiões especializadas em determinadas atividades: o Recôncavo canavieiro, o fumageiro, o mandiogueiro, o da cerâmica, além de áreas que dispunham de atividades econômicas diferentes, integradas pela cidade de Salvador.

A região constitui um território onde as diversas culturas agrícolas, como a mandioca, a cana de açúcar, o fumo, a laranja, o limão, o aipim, dentre outros tipos de lavouras se sobressaem juntamente com a pecuária que se expande a partir da segunda metade do século. A cidade de Cruz das Almas, situada no Recôncavo, tem sua formação econômica marcada pelo cultivo de diversas culturas agrícolas e principalmente o fumo.

Nos períodos colonial e imperial, a plantação de fumo era considerada uma cultura secundária, segundo os estudos de Barickman. O açúcar era o principal produto de exportação do território baiano, seguido do fumo, da mandioca e uma pouca quantidade de café. No período republicano, à medida que a economia açucareira entrava em declínio, os produtos agrícolas que continuaram em desenvolvimento no Recôncavo foram, sobretudo, o fumo, a mandioca e as frutas cítricas, principalmente na cidade de Cruz das Almas.

A produção da mandioca e do fumo no Recôncavo concentrava-se nas periferias das áreas açucareiras. Sobretudo na microrregião do Recôncavo Sul, desenvolveu-se a mandioca, que a partir de seus derivados, principalmente a farinha, viria a ser uma fonte de alimentos e de subsistência para a população local desde o período colonial. Segundo Barickman, “[...] a mandioca, para o fabrico da farinha, era de longe a lavoura de subsistência mais amplamente cultivada no Recôncavo, e a farinha era um componente indispensável do regime alimentar baiano [...]” (BARICKMAN, 2003, p.89).

O século XX na Bahia foi marcado pela agricultura de subsistência e a produção de poucos gêneros de exportação. Segundo Santos (1959), essa última teve um papel fundamental na economia baiana, que associando o Recôncavo com o comércio portuário de Salvador, permitiu a constituição de áreas urbanas e das cidades do Recôncavo. Na segunda metade do século XX, o advento da indústria petroleira deu novo impulso econômico à região, mas seus efeitos não se fizeram sentir de forma homogênea em toda a região, o Recôncavo Sul manteve uma posição relativamente marginal nesse processo.

Para Santos (1959), o comércio com Salvador mudou o desenvolvimento de diversas cidades do Recôncavo. Esse comércio vai se destacar, inicialmente, nas cidades que tinham acesso aos rios que cortam o Estado dentre eles o rio Paraguaçu, o Jaguaripe e o Subaé, que dão acesso à Baía de Todos os Santos, possibilitando certa proximidade com a capital baiana.

No decorrer do século XX, as cidades que estiveram interligadas aos principais meios de locomoção de mercadorias, o fluvial e o ferroviário, se destacaram como interpostos comerciais entre a região e a capital do Estado. Na segunda metade daquele século as cidades que integraram a nova rota comercial, proporcionada pelo transporte rodoviário, ganharam destaque, ao passo que outras, a exemplo de Nazaré, Maragogipe e Cacheira, foram duramente impactadas com o declínio do circuito ferroviário-fluvial. Segundo Santos (1959), após a construção das rodovias que ligam as cidades do Recôncavo à capital, algumas cidades que ocupavam notoriedade na produção e comercialização de algum gênero importante se destacaram. Dada a sua localização geográfica privilegiada, Cruz das Almas foi beneficiada por estar integrada a essa nova rota de transporte e se especializar na produção e comercialização de gêneros agrícolas, especialmente o fumo que movimentava toda uma rede de atividades: o cultivo, o tratamento das folhas, o comércio e a manufatura. Diante desse aspecto, Cruz das Almas passa a ter grande importância no comércio com Salvador.

As atividades econômicas comerciais da cidade de Cruz das Almas se mantiveram alinhadas à produção agrícola, onde a área rural do município era de extrema importância. O fumo teve sua produção pautada no fabrico local de charutos e cigarrilhas, além de ser um importante produto de exportação, sendo posteriormente alcançado pela produção de mandioca, que viria a ser uma atividade crescente na cidade. Dados do IBGE mostram uma grande vantagem da mandioca sobre o fumo, onde em 2004 a primeira produziu cerca de 35.084 toneladas em 2.506 hectares de área plantada, enquanto o fumo veio a produzir 1484 toneladas em 1645 hectares.

Juntamente com o fumo, outras culturas tiveram papel importante na economia cruz-almense, como a farinha da mandioca e a citricultura. Na Bahia, sobretudo, no Recôncavo

Baiano essas culturas tiveram desenvolvimento contínuo no século XX, visto que, era também uma alternativa para os agricultores familiares que viriam a perder espaço na produção das folhas de fumo para empresas e proprietários com maior porte para o plantio. Neste ponto, convém ressaltar que as produções familiares, de pequeno porte, têm papel importante no desenvolvimento econômico dos municípios, a exemplo dos agricultores familiares que se dedicaram ao cultivo da mandioca e de citros em suas terras.

Segundo Pereira Filho (1980), inicialmente, a citricultura se desenvolveu em propriedades de terras com espaços inferiores aos 50 hectares. Para este autor, o Recôncavo Baiano, "veio a tornar-se a maior e mais importante zona cítrica do Estado" (p.13). Nesse contexto, Cruz das Almas se tornava um território propício ao desenvolvimento dos principais citros produzidos, a laranja e o limão. Em algumas épocas do ano, conforme a sazonalidade da produção fumageira, alguns desses trabalhadores familiares podiam ser recrutados pelos campos de cultivo de fumo, os armazéns de enfardamento e comercialização e as fábricas de charutos e cigarros.

1.3- A IMPLANTAÇÃO DA SUERDIECK E DA AGRO COMERCIAL FUMAGEIRA NA CIDADE DE CRUZ DAS ALMAS E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DE TABACO.

De acordo com Ubaldo Marques Porto Filho (2011), o desenvolvimento da produção fumageira na cidade de Cruz das Almas³ está diretamente relacionado com a implantação da fábrica Suerdieck na região. O município está localizado no Recôncavo baiano, em uma zona fumageira ativa desde os séculos XVIII e XIX.

A zona fumageira em questão pode ser dividida a partir do tipo de fumo plantado nas cidades do Recôncavo: o fumo Mata Fina, por exemplo, é considerado de melhor qualidade e

³ O município de Cruz das Almas foi criado através da Lei nº 119 de 29 de julho de 1897, desmembrando-se de São Félix. Diz à lenda que o nome Cruz das Almas faz referência aos antigos tropeiros que passavam pela região que ao chegarem à antiga vila de Nossa Senhora do Bonsucesso, eles encontravam no centro da vila uma cruz em frente à Igreja Matriz onde paravam e rezavam para as almas dos seus mortos.

Os primeiros povoadores do município procederam de São Félix e Cachoeira, no século XVIII, atraídos pela uberdade do solo. Sabe-se que dentre os principais pioneiros, se acham as tradicionais famílias Batista de Magalhães e Rocha Passos, brasileiros e descendentes de portugueses, ambas.

Os precursores estabeleceram plantação de cana-de-açúcar, fundaram engenhos e iniciaram a construção do arraial no grande planalto, à margem da estrada real que, partindo de São Felix se dirigia ao Rio de Contas e em seguida para Minas Gerais e Goiás.

O novo arraial pertencia à freguesia de São Félix. A capela existente foi elevada depois à freguesia com o nome de Nossa Senhora do Bonsucesso da Cruz das Almas, por Alvará Régio de 22 de janeiro de 1815. Até o fim do Império, pertencia à freguesia de Outeiro Redondo. Nove anos depois da proclamação da República, obteve independência.

Assim, o Arraial foi elevado à categoria de Vila e Município, ficando autônomo pela Lei Estadual nº 119, de 29 de julho de 1897.

era produzida nas cidades de São Gonçalo dos Campos, Conceição de Feira, Cachoeira, São Felix, Muritiba, Governador Mangabeira, Cruz das Almas, Sapeaçu, Conceição do Almeida, São Felipe e Maragogipe. Enquanto o fumo Mata Sul era produzido em Castro Alves, Santa Terezinha, Elísio Medrado, Amargosa e Santo Antônio de Jesus. Já o fumo Mata Norte era produzido em meses diferentes que os demais tipos de fumos, além de não receber tanta chuva. Este tipo de fumo é produzido em Santo Amaro, Teodoro Sampaio, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe, Santo Estevão, e Alagoinhas. Todas essas cidades estão situadas no Recôncavo baiano e atuavam tanto na plantaçao de fumo como também no tratamento das folhas até a sua utilização como matéria prima na produção de cigarros, cigarrilhas e charutos.

A cidade de Cruz das Almas tem sua origem associada a uma região denominada Oiteiro Redondo, que fazia parte do município de São Felix. Situada a 153 km de distancia da capital baiana Salvador, tornou-se um território produtor de fumo desde antes de sua emancipação politica. Para Santana (1997), o ano de 1888 se configura como um marco inicial da produção de fumo na cidade de Cruz das Almas, tendo em vista a chegada do empresário alemão August Suerdieck, fundador da fábrica de cigarros Suerdieck, que trabalhava anteriormente em uma empresa de enfardamento de fumo, a F.H. Otens. Em 1897, o referido território foi desmembrado da cidade de São Felix, sendo então nomeado como Vila de Cruz das Almas. Assim sendo, ainda em seu processo de formação, e apesar de não ser um lugar de fácil acesso, considerando-se a dificuldade de locomoção no período, a então vila já iniciava a sua trajetória na produção de fumo.

Desde então, a produção de fumo no Recôncavo era crescente, o que motivou August Suerdieck, em 1921, a implantar uma fábrica de charutos na cidade de Maragogipe. Buscando se estabelecer no segmento fumageiro, Suerdieck procurou desenvolver a produção de charutos e cigarrilhas, escolhendo então a cidade vizinha a Cruz das Almas pela localização privilegiada, principalmente para o escoamento e venda da produção de charutos, pois tinha acesso direto ao rio Paraguaçu, que era um importante canal de ligação entre as cidades vizinhas e a Bahia de Todos os Santos que dá acesso à capital Salvador.

Assim, segundo Porto Filho (2011), a Suerdieck passou a concentrar a produção de charutos, mesmo com a concorrência de outras empresas que também atuavam no mesmo segmento, tais como, a Souza Cruz, a Dannemann, dentre outras. A cidade de Maragogipe então se destacou, pois possuía uma localização privilegiada para o transporte e disponibilidade de mão de obra, ou seja, pela infraestrutura que proporcionava à empresa que viria a se estabelecer dentro do seu meio social. Ao passo que, a cidade de Cruz das Almas não proporcionava inicialmente as mesmas condições que a indústria fumageira necessitava

no período. Nas palavras de Porto Filho, “Cruz das Almas não proporcionava nenhuma destas comodidades ou facilidades. Vila nova, ainda sem foro de cidade, seu problema residia no posicionamento geográfico. Ficava um pouco distante do Rio Paraguaçu, a via de escoamento das riquezas do Recôncavo.” (FILHO, 2011, p.27).

Em Cruz das Almas, a produção de charutos só veio a se estabelecer em definitivo a partir de 1935. Antes disso, a cidade passou a ser responsável pelo cultivo direto do fumo, com o objetivo de abastecer a indústria de charutos, fornecendo a matéria prima básica utilizada na produção destes. O cultivo de fumo na cidade de Cruz das Almas foi constante desde a sua formação enquanto parte do município de São Felix, durante o processo de desmembramento e constituição enquanto vila e posteriormente cidade.

Santana (1997), em publicação sobre o centenário da cidade de Cruz das Almas, informa sobre a inauguração da filial da empresa Suerdieck na cidade. Conforme relata, no período inicial, após a inauguração, a fábrica de charutos contava com cerca de 50 empregados. Uma quantidade inferior à existente na sede da empresa situada na cidade de Maragogipe. Entretanto, posteriormente, com o desenvolvimento de campanhas publicitárias em favor da compra de charutos e o incentivo ao hábito de fumar na sociedade, houve a necessidade do aumento do contingente de trabalhadores.

Para Porto Filho (2011), a propaganda do uso de charutos era incentivada diretamente por indivíduos que ajudaram a povoar a cidade de Cruz das Almas, interessados em promover o desenvolvimento econômico e a cultura fumageira. A família Passos, considerada de grande importância e renome na cidade, além de ser responsável pela produção de fumo, elevou o nome da Suerdieck para o âmbito nacional, ao oferecer para o então Presidente da República Getúlio Vargas, nos anos trinta, os charutos da sua fábrica.

Foto 1: Imagem de Getúlio Vargas fumando um charuto da Suerdieck.
Fonte: capa traseira do livro O valor do Tabaco para Cruz das Almas e Região.



Os Passos foram importantes na sociedade e na política local, a tal ponto que um deles, Lauro Passos foi eleito deputado federal pela Bahia em 1932, empossado em 1933. Lauro Passos e outros membros da família têm seus nomes memorizados em ruas e bairros da cidade, bem como, em colégios estaduais do município como forma de homenagear a importância destes para a cidade.

A família Passos, uma das pioneiras no povoamento de Cruz das Almas e no cultivo de fumo na região, para onde fora atraída pela uberdade do solo de um planalto com altitude média de 220 metros, encontra-se intimamente ligada à história da Suerdieck. (FILHO, p. 130)

Ao longo do século XX, com o desenvolvimento constante da propaganda a favor do hábito de fumar e o reconhecimento internacional dos charutos da Suerdieck, observou-se um expressivo desenvolvimento da indústria fumageira, quando a empresa, após inúmeras reformas na infraestrutura da fábrica, gradualmente elevou o número de empregados responsáveis pela produção do charuto. Assim, segundo Santana (1997), no ano de 1985 a fábrica contava com cerca de 500 funcionários.

No início do século XX, as plantações de fumo no Recôncavo Baiano eram realizadas especialmente em pequenas propriedades de terra. Mesmo com a participação de membros de famílias importantes na cidade, como a família Passos, a produção ainda era concentrada na agricultura familiar. Contudo, em 1950 foi fundada a Agro Comercial Fumageira, com o objetivo de fornecer a matéria prima para a produção de charutos na Suerdieck, o que evitava a aquisição das folhas de fumo provenientes de outros produtores. A nova empresa, uma

subsidiária da Suerdieck, surgia para atender aos interesses da fábrica, passando a utilizar grandes quantidades de terra para o plantio de fumo.

Com a fundação da Agro Comercial Fumageira e o aumento da encomenda de cigarrilhas e charutos, houve também o aumento das oportunidades de emprego na cidade de Cruz das Almas, Maragogipe e Cachoeira. Segundo Santana (1997), sobretudo no ano de 1995, essa empresa passou a contratar mais de 2.000 trabalhadores para o cultivo de fumo.

Durante o período de atuação da Agro Fumageira encontram-se períodos de altas e baixas na situação econômica da empresa, alternando conforme o aumento e a queda da demanda e a sazonalidade do produto. O período é marcado também por intenso investimento na propaganda de charutos e por mudanças na gestão da empresa. Algo importante a se salientar desse contexto é o aumento da concorrência com outros empreendimentos da época, que viriam a disputar, lado a lado como a Suerdieck, a produção e o comércio do tabaco. As principais empresas concorrentes do ramo fumageiro eram a Souza e Cruz e a Dannemman.

Em decorrência de problemas de gestão da empresa, redução de demanda, concorrência de outras empresas do ramo, além de uma questão de logística, pois Cruz das Almas está localizada nas margens da BR 101, principal via de circulação de mercadorias, enquanto Maragogipe ressentia-se da crise do transporte ferroviário, em 1991, houve a decisão pelo fechamento da sede da Suerdieck em Maragogipe, transferindo-a para Cruz das Almas. Em 1995, com a mais grave das crises no setor, deu-se o fechamento da Agro Comercial Fumageira, que se constituiria como um entrave para a sobrevivência da fábrica, que acabou fechada em 1999.

A importância da cultura fumageira e das empresas do grupo Suerdieck, é tão significativa para a cidade de Cruz das Almas, que sua memória está guardada em escritos de vários memorialistas citados nesse estudo, em monumentos e nomes de praças públicas, a exemplo da Praça Geraldo Suerdieck, o onde também está situado um monumento que representa a importância do fumo na cidade.

Foto 2: Folha de fumo, monumento em homenagem a importância da cultura do fumo em Cruz das Almas.



Foto de: Elnatã Cruz

Foto 3 e 4: Discrecionários da Praça Geraldo Suerdieck.



Foto de: Elnatã Cruz

Essa representação é compartilhada por diversas pessoas da cidade, a exemplo do comerciante e político local, Edson José Ribeiro que, com certo ufanismo, assinala que:

A cultura do fumo, não foi só para uma empresa, aquilo é o que simbolizou essa cultura, que é uma cultura que ajudou bastante no desenvolvimento social, no desenvolvimento é da nossa cidade em todos seus aspectos, por um período muito grande. [...] foi um período que a gente pode considerar um período ímpar, né? Porque nós não sabemos se uma outra cultura vai injetar tão cedo, só injetaria essa que eu tô te falando que é a indústria têxtil.⁴

1.4- POLÍTICA DE SAÚDE PÚBLICA E PROPAGANDA ANTITABAGISMO: O SEU IMPACTO NA PRODUÇÃO DE FUMO.

O hábito de fumar está presente na sociedade brasileira desde o período colonial. De lá para cá, passou por diversos contextos, favoráveis e desfavoráveis ao consumo e produção

⁴ RIBEIRO, Edson José, 60 anos de idade, administrador, comerciante, político mora no bairro Lauro Passos em Cruz das Almas Bahia, 2023.

do tabaco. A propagação do hábito de fumar levou ao desenvolvimento de diversos estudos sobre as substâncias presentes nas folhas de fumo e os efeitos que poderiam causar nos indivíduos que as utilizam.

Assim, estudos sobre o tema apontaram que uma das substâncias que compõem os charutos e cigarros, a nicotina, pode agir de forma rápida no sistema nervoso, causando vício nos usuários. Para além da nicotina, outras substâncias presentes nos cigarros podem desenvolver doenças como câncer, doenças cardiovasculares, problemas respiratórios que afetam diretamente os pulmões dos fumantes, entre outros problemas de saúde.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), em concordância com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o tabaco é considerado uma epidemia que afeta diretamente os indivíduos na sociedade, com implicações tanto no meio social quanto na saúde pública. Logo, o tabagismo passou a ser considerado como um grande problema para a saúde pública, sendo o causador de milhões de mortes no Brasil e no mundo, visto que, o uso do tabaco não afeta apenas o fumante, mas também os indivíduos que se encontrarem em seu entorno, os chamados fumantes passivos⁵.

Diante dos resultados dos estudos e das informações contrárias ao uso contínuo do tabaco, foi criado um tratado internacional que passou a ser responsável pelo combate ao consumo do fumo, a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT). A criação da CQCT foi desenvolvida pela OMS entre os anos de 1999 e 2003, promovendo reuniões para a discussão de propostas para a redução do uso do tabaco. Diversos países participaram da Convenção Quadro, dentre eles, o Brasil.

Por mais de quatro anos, 192 Estados Membros da OMS negociaram as medidas para o controle do tabaco, que deveriam ser incluídas no texto da CQCT, o que envolveu um processo extremamente complexo e permeado por muitos conflitos de interesse. O Brasil desempenhou um papel de destaque na negociação da CQCT, pois foi eleito, por consenso, pelos 192 países, para presidir o seu Órgão de Negociação Intergovernamental (ONI).⁶ No ano de 2005 o tratado entra em vigor com diversos artigos que vão alterar a forma pela qual o

⁵ De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), fumante passivo é aquele que não faz o uso direto dos produtos à base de nicotina, mas que inala a fumaça dos cigarros de forma involuntária.

⁶ Convenção-Quadro para Controle do Tabaco: texto oficial. / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Secretaria-Executiva da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para Controle do Tabaco; coordenação de elaboração Tânia Maria Cavalcante. – 2. reimpr. – Rio de Janeiro: INCA, 2015, p. 12. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document//convencao-quadro-para-controle-do-tabaco-texto-oficial.pdf>. Acesso em 12/05/2023.

consumo do tabaco era discutido anteriormente. De acordo com o artigo 3º da CQCT, seu objetivo era:

Proteger as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco, proporcionando uma referência para as medidas de controle do tabaco a serem implementadas pelas Partes nos níveis nacional, regional e internacional, a fim de reduzir de maneira contínua e substancial a prevalência do consumo e a exposição à fumaça do tabaco.⁷

No preâmbulo da CQCT é retratada a preocupação com o crescimento do uso do cigarro, sobretudo, em diversos países que estão em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, que tiveram uma expansão frequente do número de fumantes. Os chamados países em desenvolvimento são aqueles que apresentam tendências de crescimentos econômicos através do seu Produto Interno Bruto (PIB). Esses países apresentam uma industrialização em desenvolvimento tardio, além da profunda desigualdade social e dos consequentes problemas sociais que se agravam em conjunturas de crise econômica.

As medidas adotadas pela Convenção tiveram como base alguns princípios norteadores, expressos no seu artigo 4º, que reforçam: o direito das pessoas à informação sobre a gravidade dos riscos decorrentes do consumo de tabaco; o direito de acesso aos mecanismos de prevenção à iniciação e de apoio para cessação de fumar; além da proteção de toda pessoa contra a exposição involuntária à fumaça do tabaco. De forma geral, as medidas centrais têm dois enfoques: as voltadas para a redução da demanda e as voltadas para a redução da oferta.⁸ Sem dúvidas, essas medidas impactaram, respectivamente, no plano sociocultural, com a redução do consumo de tabaco e, no plano econômico, com o declínio da produção na agroindústria fumageira.

Assim, passou-se a discutir os efeitos do tabaco nos países com alto percentual de fumantes, focalizando o desenvolvimento de doenças não só para quem fuma, mas também em quem convive diretamente com o fumante, ou seja, a família. Esta questão implica o dispêndio de uma grande quantidade de recursos para a saúde pública, que são utilizados no tratamento das doenças ocasionadas pelo tabaco. Por outro lado, não se pode negligenciar o impacto desse debate e das medidas decorrentes no mundo do trabalho, sobretudo na situação

⁷ Ibid., p. 10.

⁸ As medidas de redução de demanda estão contidas nos artigos 6º a 14 e são: Medidas relacionadas a preços e impostos para reduzir a demanda de tabaco e outras medidas restritivas, como: proteção contra a exposição à fumaça do tabaco; regulamentação do conteúdo dos produtos de tabaco; regulamentação da divulgação das informações sobre os produtos de tabaco; embalagem e etiquetagem de produtos de tabaco; educação, comunicação, treinamento e conscientização do público; publicidade, promoção e patrocínio do tabaco; medidas de redução de demanda relativas à dependência e ao abandono do tabaco. Nos artigos 15-17, a Convenção tratava ainda de medidas de redução da oferta do tabaco: comércio ilícito, venda a menores de idade ou por eles, apoio a atividades alternativas economicamente viáveis. (Ibid., pp. 10-11)

dos trabalhadores empregados na agroindústria fumageira, em função do desemprego causado pelo fechamento de diversas unidades fabris e agrícolas nesse setor da economia.

1.5- A IMPLANTAÇÃO DAS POLITICAS CONTRA O TABAGISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.

Com a implantação da Convenção houve uma redução crescente do numero de fumantes no decorrer dos anos, mas não se viu, na mesma proporção, a implementação de políticas públicas de geração de emprego e renda para os trabalhadores afetados pelo fechamento de unidades produtivas em localidades do interior, a exemplo da cidade de Cruz das Almas.

O Brasil foi um dos principais articuladores da Convenção Quadro, tendo um papel importante na construção do tratado. O tratado foi aprovado na Câmara dos Deputados em 31 de maio de 2004 e encaminhado ao Senado Federal que buscou dialogar com a sociedade civil e os produtores do tabaco para a instalação da Convenção. O país foi o 100º a ratificar o tratado, aprovado em 2 de janeiro de 2006, que dependia apenas de 40 retificações para ser aprovado de acordo com a 2ª reimpressão do texto da CQCT.

As articulações ocorreram entre 2004 e 2005, a partir de audiências públicas realizadas pelo Senado após a ratificação aprovada na Câmara. Ao todo foram realizadas seis audiências, em estados e cidades com os seus respectivos responsáveis. A primeira audiência foi realizada no Senado Federal, e a segunda no Rio Grande do Sul em Santa Cruz do Sul, que era responsável pela maior produção nacional de fumo. A terceira e a quarta audiências foram realizadas em Irati no Paraná e Florianópolis (SC) e a quinta ocorreu em Camaquã (RS), marcada por um grande quantitativo de pessoas para observar o desenrolar das discussões. As audiências tinham indivíduos a favor e contra a retificação da CQCT, e as medidas colocadas por ela.

A sexta e última audiência foi realizada no dia 11 de outubro de 2005, na cidade de Cruz das Almas, situada na Bahia, mais especificamente no Recôncavo Baiano. Segundo Neto *et al* (2015), na época, a Bahia possuía uma baixa produção de fumo, quando contrastada com as demais regiões produtoras, como a região sul por exemplo.

Em uma tabela que corresponde aos principais pontos destacados em cada reunião, Neto *et al* (2015) mostra que a primeira reunião ocorrida no Senado Federal teve como base a quantidade de mortes por câncer, que ocorre pelo uso do tabaco, além do trabalho de menores no cultivo da folha, e como opiniões contrárias o tempo insuficiente para a discussão em torno da temática.

Já em Santa Cruz do Sul, em apoio à convenção foi utilizado o argumento sobre os malefícios do uso do tabaco, enquanto as opiniões contrárias estão ligadas às possíveis contribuições da plantação de fumo para o efeito estufa e, em concordância, a necessidade de um debate mais prolongado sobre o tema. Algo importante a ser ressaltado sobre as duas primeiras reuniões é que a defesa de um período maior de discussões vem dos mais interessados na indústria de fumo, como a Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA) e a Sindicato da Indústria do Tabaco (SINDIFUMO), ambos intimamente vinculados ao setor produtor e econômico do tabaco.

Na cidade de Irati, no Paraná, as discussões são pautadas a partir de dois pontos de vista, o primeiro não acredita que a convenção viria acabar com a produção de fumo, enquanto o outro não acreditava em uma mudança na agricultura ou entendia que uma diversificação desta seria algo difícil de ser realizado. Já em Florianópolis, em Santa Catarina, o debate dividiu posições entre o fumar e o não fumar, e sobre o futuro do pequeno produtor, que teria sua economia voltada para a produção do tabaco.

Na cidade de Camaquã, no Rio grande do Sul, as organizações a favor da convenção, tinham os mesmos argumentos de que a convenção não acabaria com a produção. Enquanto que, para os contrários, o Brasil deveria se abster da aprovação, tendo em vista os inúmeros fatores apresentados dentro da discussão sobre a temática. A última reunião, realizada em Cruz das Almas na Bahia, teve como argumento a ratificação do acordo ocorrida na China, um dos países importadores dos produtos de tabaco, assinada em agosto de 2005.

Concluídas as discussões com as cidades produtoras de tabaco, em 27 de outubro de 2005 o Senado aprovou, em definitivo, a ratificação do tratado. O tratado foi promulgado através do decreto nº 5658 de 2 de janeiro de 2006, e assinado pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entrando em vigor em primeiro de fevereiro do ano de 2006.

O Brasil é reconhecido pelo amplo esforço colocado no combate ao uso dos produtos provenientes do tabaco. Reconhecido internacionalmente como o possuidor de uma das maiores legislação para o controle do tabaco do mundo, o que nos remete a ações realizadas antes das medidas postas pelo tratado da Organização Mundial da Saúde (OMS), a CQCT, que passam a vigorar no país em 2006.

Cavalcante (2005) considera que o combate ao fumo no país está cerceado por diversas políticas de informação e desinformação. A indústria do fumo é reconhecida por buscar as vulnerabilidades dos indivíduos distintos para a indução desses ao consumo do tabaco. Além dessa questão, observa-se o uso e a procura de brechas dentro das leis relacionadas às propagandas dos produtos do tabaco, que foram proibidas ainda no ano de

2000. Essas brechas são usadas para realização de campanhas de marketing em favor dos produtos do tabaco para burlar as ações governamentais realizadas pelo Estado. Essas movimentações eram lideradas pelas associações de fumicultores e pelos próprios produtores de cigarro entre outros produtos, com o objetivo de se manterem atuantes na produção e no comércio, o que se configura como uma manipulação da indústria contra as medidas pela CQCT e as ações já postas em prática pela legislação brasileira a partir de 2000.

Para a regulação e aplicação das medidas impostas pela CQCT, segundo Cavalcante (2005), foi apresentado o Programa Nacional de Controle do Tabagismo (PNCT), coordenado pelo INCA⁹. O objetivo principal deste órgão é "[...] reduzir a prevalência de fumantes e a consequente morbimortalidade relacionada ao consumo de derivados do tabaco no Brasil" (Cavalcanti, 2005, p.288). Dentre as medidas e ações destacadas pelo programa, está à atuação junto aos meios que incentivam a expansão do consumo de fumo, objetivando uma redução.

Para a implementação das medidas, contava-se com o apoio da sociedade civil na luta contra o uso do tabaco, o que corresponderia à diminuição do contato e acesso aos produtos derivados, redução a da iniciação no uso de tabaco, bem como, implicaria a proibição do uso desses produtos em espaços fechados.

Entre as diversas ações apresentadas, o aumento do acesso ao tratamento para a redução do hábito de fumar surge como uma medida importante, pois atua direto com os fumantes. Essas ações são feitas de forma descentralizada, subdividindo as medidas entre estados e municípios através do SUS (Sistema Único de Saúde). Foram formuladas também ações de cunho educativo, para evitar a iniciação precoce no hábito de fumar, sobretudo, entre os adolescentes que são apresentados cada vez mais cedo ao vício da nicotina.

Todo esse debate em torno do uso do tabaco e seus efeitos na saúde pública, seguido das medidas adotadas contra a propaganda e pela redução do consumo implicaram na redução da demanda do produto e, conseqüentemente, agravaram a crise no setor, levando ao fechamento de diversas empresas agrícolas e fabris. As medidas também afetaram o pequeno produtor, causando desemprego, além do enfraquecimento do comércio e da arrecadação municipal. Convém ressaltar que essas medidas não foram acompanhadas de políticas públicas voltadas para a geração de emprego e renda ou de amparo aos trabalhadores.

Portanto a Convenção Quadro surgiu com o objetivo de tratar e cuidar de um problema que envolve a saúde pública do mundo, buscando dialogar sobre a prevenção e os malefícios

⁹ É o órgão auxiliar do Ministério da Saúde no desenvolvimento e coordenação das ações integradas para a prevenção e o controle do câncer no Brasil.

do uso da nicotina na saúde dos indivíduos. Ao mesmo tempo, insere as discussões sobre as alternativas econômicas em cidades que tem a atividade fumageira como um dos principais movimentadores de sua economia, como a cidade de Cruz das Almas. Contudo, se o primeiro objetivo parece ter sido alcançado, as discussões sobre a proposição de alternativas econômicas nas referidas cidades não apresentaram resultados em curto prazo.



CAPÍTULO 2 – AGRO COMERCIAL FUMAGEIRA LTDA.

O presente capítulo discorre sobre a Agro Comercial Fumageira Ltda, analisando as práticas de trabalho na empresa de cultivo de fumo, o seu fechamento em 1995 e os efeitos socioeconômicos, sobretudo entre os trabalhadores. Este capítulo é dividido em três subtópicos, o primeiro é intitulado “A Agro Comercial Fumageira Ltda e os trabalhadores locais”. O segundo tem sido titulado “O trabalho na Agro Comercial Fumageiras Ltda”. O terceiro e último subtópico deste capítulo tem como título “O fechamento da Agro e suas consequências para a sociedade cruz-almense”.

2.1 – A AGRO COMERCIAL FUMAGEIRA LTDA E OS TRABALHADORES LOCAIS.

A Agro Comercial Fumageira foi fundada em 1950, tinha como objetivo principal o cultivo do fumo, com exclusividade para uma produção técnica e científica da espécie fumo capeiro. A finalidade dessa empresa era a oferta de matéria prima para a indústria Suerdieck. O fumo produzido em folhas era beneficiado e enfardado nos armazéns para ser utilizado na produção de charutos e cigarrilhas pela fábrica. A produção baiana era exportada para países como: Estados Unidos, Bélgica, Holanda, França entre outros.

Criada sob a administração da Suerdieck, que objetivava evitar a importação de matéria-prima para a sua produção, a Agro Comercial Fumageira era uma empresa subsidiária da indústria. Para Cunha (1959, p. 99) a sua produção tinha “a finalidade patriótica de reduzir a importação dessa matéria-prima, indispensável à indústria dos charutos e cigarrilhos”. Com diversos campos de plantação de fumo, ela assumiu um papel importante na zona rural do município de Cruz das Almas, onde passou a empregar muitos trabalhadores, que antes viviam da chamada agricultura familiar.

A empresa atuou por cerca de 45 anos na cidade de Cruz das Almas, empregando homens e mulheres chefes de família nas variadas tarefas realizadas no cultivo fumo. Essas pessoas viram o trabalho nos campos da Agro como oportunidade de renda necessária para a sua subsistência e criação de seus filhos. O trabalho na empresa afigurava-se como uma realidade e rentabilidade diferente do que era vivenciado antes através da agricultura familiar, ou seja, do plantio doméstico de fumo. Por outro lado, com a criação de campos próprios de plantação de fumo pela empresa subsidiária, a indústria reduziu a quantidade de fumo comprada nas mãos dos pequenos agricultores.

Utilizando a metodologia da história oral, atentando para a relação entre memória e história e para as abordagens sobre memória coletiva, memória seletiva e esquecimento (POLLAK, 1989; THOMPSON, 2002; HALBWACHS, 1990), a presente pesquisa

entrevistou pessoas que trabalharam na economia fumageira tanto na produção doméstica quanto na empresa Agro Comercial Fumageira, que rememoraram sobre as práticas de trabalho na cultura fumageira e o impacto do fechamento da empresa em seu cotidiano.

Maria da Silva¹⁰ iniciou as atividades na produção de fumo em terras arrendadas de proprietários locais. A princípio, ela se deslocava para outras localidades próximas onde realizava o cultivo de fumo, produzindo entre três e cinco arrobas de fumo por ano. Essa prática era constante entre os agricultores familiares no período que antecede à implantação da empresa e as consequentes mudanças na cultura agrícola que viriam a acontecer posteriormente.

Antônio Carlos¹¹ iniciou o trabalho no cultivo de fumo também em sua própria casa, na agricultura familiar. Assim como a Damiana dos Santos,¹² a Maria da Cunha,¹³ e a Maria José,¹⁴ que antes de ingressar na Agro já tinham experiência com o trabalho na lavoura fumageira.

Isso mostra que muitas das pessoas empregadas nas plantações de fumo da Agro já tinham experiências com as atividades realizadas no cultivo do fumo. Assim sendo, ao serem contratadas pela empresa, já se tinha alguma noção de como deveriam ser realizadas as tarefas. Já Tereza Vale da Silva relata que, somente após entrar na empresa em questão, foi criando experiências no trabalho ao ponto de ensinar o modo de fazer as atividades da cultura fumageira. Conforme rememora:

Quando eu entrei eu pensei que era muita coisa difícil, né? Que eu não ia aprender nada, mas eu aprendi tudo, tudo que tinha no Agro eu sabia. inclusive o povo não sabia o tipo das doenças que tinha ali, eu sabia. Aí eles ia me botar ensinar turma ensinar. O povo às vezes não sabia enfiar. Eu ensinava o povo enfiar. Na sementeira eu ensinava o povo a fazer sementeira botar adubo, fazer aplicação da planta, tirar de um de uma vasilha pra botar na outra. [...].¹⁵

Mas, diferente do trabalho na produção familiar, na empresa as pessoas eram assalariadas e recebiam mensalmente, por quinzena ou semanalmente. Além do trabalho na

¹⁰ SILVA, Maria da, 66 anos de idade, safrista na Agro Comercial Fumageira, moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

¹¹ CRUZ, Antônio Carlos dos Santos de, 58 anos de idade, encarregado na Agro Comercial Fumageira e Fumex Tabacaleira, morador da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

¹² JESUS, Damiana dos Santos de, 65 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

¹³ ARAÚJO, Maria da Cunha. 65 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

¹⁴ BARBOSA, Maria José Alves, 67 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

¹⁵ SILVA, Tereza Vale da, 60 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

lavoura, muitos trabalhadores eram empregados nas atividades de beneficiamento do fumo, nos armazéns que preparavam a matéria-prima para ser utilizada na indústria. A possibilidade de se tornar um (a) trabalhador (a) da Agro representava uma oportunidade de saída destes da dependência dos armazéns de fumo, que de acordo com Antônio do Nascimento¹⁶, não era uma vantagem para o pequeno produtor, visto que, o afastamento do campo e a rotina e controle do trabalho nos armazéns representavam um certo choque cultural para esses trabalhadores. Para os entrevistados, o trabalho na Agro Comercial representava uma oportunidade de renda para a criação de seus filhos e a subsistência da família, sem a necessidade de afastamento da vida no campo.

Santana (1997) afirma que a implantação dessa empresa resolvia o problema de desemprego em Cruz das Almas, visto que, segundo ele, o número de pessoas contratadas para o trabalho era de cerca de 2.000 trabalhadores. Para Antônio Carlos, esse número poderia ser bem maior, pois, no período em que ele entrou na empresa havia uma grande quantidade de trabalhadores.

Quando questionado sobre sua ocupação na Agro, Antônio Carlos afirma que trabalhava como auxiliar de produção. Nessa posição ele era responsável por administrar o trabalho junto aos demais trabalhadores. Durante o período de cultivo do fumo, cerca de 120 pessoas ficavam sob a direção deste, podendo diminuir esse número em certos períodos do cultivo de fumo, conforme a sazonalidade da produção.

Em geral, esses trabalhadores eram provenientes da lavoura, já que a empresa estava inserida dentro das localidades rurais do município, tais como, na Baixa de Toquinha, uma localidade às margens da BR 101, na Santa Julia, na Boca da Mata e na Umbaubeira. Nessa última localidade, a Agro possuía uma unidade de plantio, cuja área atual abrange cerca de 397,174 m² de terras, podendo ter sido um pouco menor que esse número no período estudado. É possível que os demais campos tivessem área semelhante ou maior. Na atualidade, o espaço citado corresponde à empresa Fumex Tabacalera, que ampliou a área e assumiu o plantio de fumo após o fechamento da Agro.

Foto 5: Área de plantio de fumo na localidade da Umbaubeira, onde a Agro plantava o fumo.
Atualmente a Fumex Tabacalera Ltda.
Fonte: Google Earth

¹⁶ SANTOS, Antônio do Nascimento, 63 anos de idade, vigilante morador da Umbaubeira Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.



2.2 - O TRABALHO NA AGRO COMERCIAL FUMAGEIRAS LTDA.

O trabalho na Agro e nas demais empresas que se especializaram no cultivo do tabaco era realizado por muitas pessoas e compreendia diversas atividades, que em conjunto faziam com que a produção fosse realizada. Assim, o processo se iniciava com a preparação do solo, com a utilização de maquinário específico, como o trator, o plantio do fumo, a adubação após certo período de crescimento da planta, a regação em períodos sem chuva, a capina, o leiramento que corresponde ao trabalho de juntar a terra no pé (raiz) da planta, o que melhora a drenagem do solo e a absorção do adubo. Posteriormente, ocorre o processo de retirada das folhas maduras da planta, com cuidado para não danificá-las, que eram encaminhadas ao secador¹⁷, onde eram enfiadas em cordões, que ficavam amarrados em ripas, até secar¹⁸.

O período de plantação do fumo variava entre os meses janeiro a agosto, pois, segundo Antônio Carlos o preparo do solo para o cultivo do fumo iniciava no mês de janeiro. Maria da Silva também discorre sobre a rotina em período de plantio; segundo nos informa, o trabalho começava às sete horas da manhã com uma pausa para o almoço por cerca de trinta minutos, retomando em seguida. De acordo com a depoente, a tarefa ou meta estabelecida deveria ser cumprida pelo trabalhador, pois, quando se iniciava o plantio de determinada área, o expediente só era encerrado ao terminar aquele trabalho. Logo, a carga horária de trabalho poderia ser excedida, podendo ser estendida até às nove horas da noite, como já havia acontecido com ela e os demais trabalhadores que atuavam na parte do plantio:

[...] porque tinha que plantar se eles ordenasse que era pra plantar esse pedaço aqui todo agora, hoje, processo todinho hoje. [...] Aí amanhã já era ota etapa. Aquela etapa tinha que plantar tudo. Se tirasse esse quadro aqui pra fazer essa semana não podia ficar pra outra semana. Aí a gente trabalhava de sete as doze e meia aí parava doze, pegava doze e meia. Aí largava cinco hora à gente saía, merendava alguma coisa e não vinha em casa não, é lá mesmo, aí merendava tornava aí só nove, nove e meia da noite que a gente saia da plantadeira. Mas não era todo mundo não, né? Só

¹⁷ Galpão grande onde as folhas de fumo passavam pela etapa da secagem.

¹⁸ As etapas destacadas, foram ditas em diálogos informais com os entrevistados.

era, deixa ver, era quatro, nós quatro o motorista do trator e algum ali pra ajudar pra botar plantas assim era uma umas oito pessoa que ficava de noite. Aí quando acabava eles vinham trazer a gente quem fosse de longe ia levar em casa e quem fosse de perto vinha por ali mesmo eu mesmo que era daqueles trazia por ali eu passava a cerca e vinha me embora pra casa e os outros ele ia levar ainda. Que era enquanto eu não acabasse o plantio num parava não.

Segundo a mesma depoente, na etapa da colheita era necessário acender um fogo perto do galpão para auxiliar na secagem de fumo. Quando as folhas já estavam secas, iniciava-se o processo de manocação, que consistia em juntar as folhas e amarrá-las com um cordão, certas vezes feito com as próprias folhas do fumo, formando as “manocas”, que eram organizadas em um caixote encaminhadas para a fermentação. Nas atividades citadas anteriormente, em média de 30 a 40 pessoas participavam dessas tarefas, algumas delas necessitavam de um mutirão de trabalhadores para realizá-las.

Segundo Alino Mata Santana (2013), durante a fermentação, o fumo era organizado em pilhas de até oito mil quilos, onde o este era fermentado. As folhas de fumo eram separadas de acordo com os padrões exigidos pelos compradores dessa especiaria, conforme o tamanho e de coloração do produto. O autor informa ainda que, na fase final da produção, “[...] o fumo era prensado em fardos de 70 quilos e armazenado a uma temperatura de 12°C, até a comercialização.” (SANTANA, 2013, p.30).

Dois das entrevistadas ainda revelam outros processos que fazem parte do cultivo do fumo, uma dessas funções era a sementeira. Função também exercida por Tereza Vale da Silva, que descreve essa atividade como o momento de produção das mudas até o desenvolvimento da planta antes de ser plantada nos campos. Já Maria da Cunha atuava como escolhedeira, passadeira, essas atividades consistem em uma etapa de escolha das folhas de fumo, a partir das cores e tamanhos, que definia em que tipo de produção seria utilizada na manufatura. Maria da Silva confirma que eram múltiplas as atividades realizadas dentro dos campos da Agro. Segundo rememora, “na Agro eu fazia de tudo, eu costurava campo e eu plantava fumo, eu colhia fumo e eu enfiava fumo, fazia tudo. Eu adubava fumo, tirava folhinha velha, era tudo.”¹⁹

2.3 - O FECHAMENTO DA AGRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE CRUZ-ALMENSE.

¹⁹ SILVA, Maria da (depoimento), op. cit.

A Agro passou anos investindo no cultivo científico do fumo originário da Indonésia, o tipo Sumatra. Contudo, no ano de 1995 a safra foi perdida a partir do ataque de um fungo conhecido como *Cercospora Nicotinae*²⁰. Esse fungo se instalou nas plantações do fumo prejudicando as folhas, bem como, a estrutura da planta. Essa praga causou uma perda significativa na produção, ocasionando problemas não só para a manutenção da Agro quanto das demais empresas associadas a ela, como a Suerdieck

O problema com o praga, ocorrido na safra de 1995, não foi o único nem, possivelmente, o principal contratempo que levou ao fechamento da Agro. Segundo Porto Filho, a empresa já enfrentava problemas financeiros, estava sem condições de adquirir novos financiamentos, bem como, sem capital de giro para a continuidade das atividades. Como vimos, a economia fumageira enfrentava o problema da redução do consumo, motivada pela adesão do Brasil à Convenção Quadro para o Controle do Tabaco e a crescente campanha antitabagismo. A crise econômica já existente foi agravada pelo ataque do fungo que levou ao fechamento da Agro Comercial fumageira em definitivo.

Para o trabalhador Antônio Carlos²¹, o fungo que atacou a plantação do fumo Sumatra da Agro “é um problema natural” que, dependendo dos tratos com esse tipo de cultura, pode aparecer, mas com os devidos cuidados e tratos culturais específicos poderia ser resolvido. Em sua opinião, o principal motivo que culminou no fechamento da empresa foi uma má administração desta. Já Maria da Silva e Tereza Vale da Silva²² apenas se lembram vagamente do momento em que o fumo ficou ruim. Para Maria da Silva o fechamento da empresa foi motivado tanto pela praga quanto por problemas financeiros da empresa: “Como é que teve um tempo que ficou tudo, acho que o fumo que ficou ruim aí ficou o fumo sem render. Aí os povo ficou sem dinheiro pra [...] aí era o jeito desfazer da empresa.”²³

Para Porto filho (2011), o prestígio da Agro enquanto uma das maiores empresas da Bahia foi, “aniquilada” no ano seguinte, sendo retirada tanto do ranking global de produção, quanto do setorial de fumo, ao qual, ocupava o 1º e 2º lugar nos anos que antecedem este fato, o que mostrava a importância desta empresa no meio econômico da cidade.

²⁰“Geralmente esta doença aparece como pequenas manchas circulares no limbo das folhas. Dias depois elas já apresentam um contorno mais distinto e anguloso e as margens são geralmente de coloração amarelada. Quando ficam velhas, as lesões tomam uma coloração cinzenta onde aparecem no centro uma pequena área escura constituída pelas frutificações do fungo. Ao redor ainda permanece por algum tempo o halo amarelo que separa a área atacada da parte sadia. Há em geral grande número de lesões pequenas e as vezes duas ou três se juntam formando uma lesão maior de forma irregular, constituída de tecido morto.” (GONÇALVES, 1961, p.61).

²¹ CRUZ, Antônio Carlos dos Santos de (depoimento), op. cit.

²² SILVA, Tereza vale da (depoimento), op. cit.

²³ SIVA, Maria (depoimento), op. cit.

Segundo o comerciante Artur Silveira Neto, o fechamento dessa empresa foi um baque muito grande para o comércio e para o trabalhador. Como o pagamento aos trabalhadores do fumo era realizado semanalmente, eles se deslocavam ao comércio da cidade com o objetivo de garantir a feira da semana seguinte, porém quando houve o fechamento da empresa viram-se sem recursos para sua própria alimentação. Em uma de suas falas, ele discorre sobre um valor estimado da folha de pagamento semanal da Agro e sobre o impacto socioeconômico do fechamento da empresa:

[...] É aquela economia muito grande. Era o desemprego, não é? A agro é a empresa que, só a folha de pagamento semanal era de duzentos mil reais. Então isso deixou de entrar no comércio, né? Aí só foi um baque, foi grande, foi pequeno não, foi grande, né?²⁴

Convém destacar que o salário mínimo em 1994, após a entrada em vigor do Plano Real, era de R\$100,00, caso a estimativa deste esteja correta, cerca de dois mil empregados ficaram sem aquela renda. Jaime Pereira Santos, outro comerciante local, corrobora sobre o impacto socioeconômico do fechamento da empresa, entre os trabalhadores e no comércio cruz-almense:

Sim, sim, sim, porque muita gente trabalhava aí, o pessoal de baixa renda. Era um suporte que tinha aqui na cidade, no momento que fechou a empresa como essa aí gera uma situação comprometedor para o município, não é? Porque são vários empregos que são cortados. É o comércio em si, ele, ele sofre essas consequências, entendeu? Quem vendeu o seu produto volta para comprar, leva uma enxada, leva um grampo, leva o defensivo agrícola, leva o pão, leva o açúcar, leva a cesta básica e assim sucessivamente.²⁵

Na economia capitalista, o comércio é um ponto forte da economia de uma cidade, é ele que movimenta e ajuda a desenvolver a cidade. Para Artur Silveira, o trabalhador é quem mantém o comércio de uma cidade em pleno desenvolvimento. Assim, o fechamento de empresas como a Agro, que tinha uma grande quantidade de trabalhadores em seus campos, vai afetar diretamente nesse setor econômico da cidade, pois segundo ele: “[...] há problemas, pois se afeta a parte operária, evidentemente que vai afetar o comércio, né? Porque o comércio, comércio, vive dos operários, né? O cara ficou sem dinheiro, perdeu o emprego, perde tudo.”²⁶

²⁴ NETO, Artur Silveira. 81 anos de idade, comerciante, morador do bairro Susana em Cruz das Almas Bahia, 2023.

²⁵ SANTOS, Jaime Pereira dos, 65 anos de idade, comerciante, nascido em Muritiba, mora em Cruz das Almas Bahia, 2023.

²⁶ NETO, Artur Silveira (depoimento), op. cit.

Dentro desse aspecto, é importante salientar que a mão-de-obra predominante nesse segmento é a feminina. Nas entrevistas a maioria das depoentes informa que boa parte do trabalho no campo era realizada por mulheres. Maria da Silva cita que as pessoas que faziam parte do plantio junto a ela eram do sexo feminino. Isso mostra que, para muitas mulheres que viviam no espaço rural a possibilidade de se tornar assalariada representava tanto uma alternativa de renda a garantia do provimento familiar quanto uma relativa autonomia em relação à dependência masculina do marido ou do pai. Certamente, elas foram duplamente impactadas com o fechamento da empresa.

A princípio, quando se questiona aos entrevistados sobre as suas lembranças ou sentimentos do período, poucas pessoas conseguem expressar, contudo, refletem que foi um momento difícil, se encontrar sem trabalho e sem alternativas para encontrar uma nova colocação. Logo, ao ser questionado sobre a reação das pessoas quando houve o fechamento da empresa, Artur Silveira discorre que:

Fica sem dinheiro? A resposta por si se responde né? [...] que eu sei você recebia por semana, você comprava num Armazém de João, de Pedro, de Manuel pra pagar por semana, aí é gasto, você compra um e paga outro, entendeu? Você ficou sem dinheiro para pagar, automaticamente você ficou sem dinheiro para comprar. Aí deve ter havido uma grande dificuldade na mesa daquele pessoal. Depois vai se arrumando, né? Aqui no Brasil, mas a princípio é o baque foi grande.²⁷

Para o comerciante Jaime Pereira Santos, um fator que levou à redução da cultura fumageira na cidade foi a política antitabagismo, o fumo foi um grande gerador de imposto, mas que “prejudica a saúde humana”, por isso essa política se desenvolve. Essa opinião é compartilhada entre comerciantes e políticos locais. Sobre o fechamento das empresas fumageiras e o impacto socioeconômico da cidade, ele o comerciante e político local, Edson José Ribeiro relata que:

Então, quando começou a falência, né? A convenção Quadro, que foi uma convenção que proibia né? A questão do fumo, do tabagismo, isso começou, os empresários, não é, a ficaram com medo e começaram a recuar onde se saíram daqui foi para outra cidade, mas com um porte reduzido. E o comércio sofreu. Foi um baque muito grande, muito grande. Para o comércio que nós tínhamos, aí em torno de 5000 funcionários nessa área do fumo, que era um valor muito alto, que investia, né? [...] Eram muitos, muitos campos que plantava o fumo e eram vários ciclos ali trabalhando, e hoje a gente é, não tem mais isso, tem pouca coisa ou quase nada, [...]²⁸

²⁷ Idem,

²⁸ RIBEIRO, Edson José (depoimento), op. cit.

Assim, a Convenção Quadro para Controle do Tabaco (CQCT) e a política do antitabagismo, citada anteriormente, segundo os depoentes, foi um fator determinante para a redução da atividade fumageira no país, e como consequência na cidade de Cruz das Almas. A redução do consumo do fumo associa-se ao reconhecimento, sobretudo, dos mais jovens, acerca dos malefícios que o tabaco causa na saúde dos indivíduos. Diante das campanhas e políticas públicas contra o tabagismo, aos poucos, há uma conscientização, inclusive dos sujeitos que já faziam o uso do tabaco acerca dos malefícios.

As implicações das campanhas contra o tabagismo, bem como, a crise da cultura do fumo no Recôncavo Baiano e na cidade de Cruz das Almas, também foram pauta de reuniões no poder legislativo federal. Na reunião da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara Federal, o agrônomo Alino Matta Santana²⁹ foi responsável pela defesa da cultura do fumo na cidade de Cruz das Almas, o autor traça o histórico da atividade fumageira no Brasil, bem como, na cidade de Cruz das Almas. Na ata da vigésima terceira reunião ordinária, realizada no dia 10 de junho de 2008, ele destaca o resumo da sua fala, onde defendia o trabalhador do Recôncavo e a importância da atividade fumageira da cidade, de onde cerca de 90% dos resultados do cultivo eram exportados. Além disso, a questão do trabalho e o envolvimento das famílias na atividade fumageira também foi pauta da fala de do autor.

A importância do setor fumageiro na sociedade cruz-almense foi construída e representada como um caminho de oportunidades para diversas faixas etárias de sujeitos, bem como, em diferentes gerações. Refletindo sobre a importância do fumo na cidade, mesmo com os problemas decorrentes do uso deste, o comerciante Edson Ribeiro discorre que:

[...]Muita gente dizia assim, Ah, mas é o fumo? Mata, deixa prejuízo e sim, a gente tem outras drogas que que faz isso também. A cerveja, a cachaça, enfim. Mas a cultura do fumo foi fundamental. Nem só para a Cruz das Almas, para o Recôncavo, porque outras pessoas de outras cidades trabalhavam aqui. Foi uma cultura que deixou um legado muito grande, inclusive eu não, eu não falo nem só do lado financeiro, mas muita gente venceu. Seus filhos venceram estudando, que hoje são médicos, que hoje são advogados, são engenheiros, são professores que os pais trabalharam num armazém de fumo. E tinha condições de botar seus filhos para estudar. Então, se você olhar aqui, a gente teve uma campanha bastante acirrada sobre o tabagismo que matava, que prejudicava, mas eu acho que nada mais mata do que a fome. [...]. Mas a gente olha o outro lado, né? Que sem essa cultura aqui, a cidade de Cruz das Almas seria uma cidade muito, muito mais atrasada.[...]³⁰

²⁹ Alino Mata Santana é graduado em Agronomia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1961, mestre em Ciências Agrárias pela UFBA em 1995. É também um escritor, cronista, e poeta, além de professor titular da UFBA.

³⁰ RIBEIRO, Edson José (depoimento), op. cit.

Em conformidade com a fala anterior, o setor fumageiro é representado como um importante fator para o desenvolvimento das mais diversas famílias. Para uns, podia ser fonte de ascensão econômica e riqueza, para outros, uma alternativa de renda e sobrevivência. Para Damiana de Jesus, a Agro foi uma firma que proporcionou a criação de seus filhos, então considera o trabalho realizado na empresa positivamente, pois “[...] ai tinha o dinheiro da gente todo mês, né? Foi muito bom, foi um trabalho muito bom.”³¹, por isso, a necessidade de trabalhar de forma correta, pois no ano seguinte haveria a garantia do seu trabalho e do sustento para seus filhos. Para Maria José, o trabalho na indústria fumageira e, sobretudo na Agro, foi o “pão de cada dia” e a fonte de renda para a criação dos seus filhos, assim, nas palavras dela:

Na minha vida, que foi um bom, que foi um bom pão de cada dia, que eu criei os meus filhos, tudo lá, né? Trabalhei, trabalhava meus filhos, criei tudo lá. Nel trabalhava na roça. Eu trabalhava lá, onde eu criei, meus fi, onde eu arranjei o meu pão de cada dia foi lá, dizer o que, né? Sustentava, eu lá no Agro, graças a Deus, trabalhei, criei meus fi tudo lá, quatro fi que eu tive, os quatro de lá do Agro.³²

Mas, o fechamento da empresa, em 1995, foi marcado por tensões e conflitos de natureza trabalhista, uma vez que muitos trabalhadores tiveram que recorrer à Justiça do Trabalho para garantir o pagamento dos tempos de trabalho e demais verbas indenizatórias pela empresa. Para Antônio Carlos a situação das pessoas que trabalhavam na empresa foi difícil, pois o pagamento das indenizações pelo tempo de trabalho poderia estar comprometido. Na sua percepção: “Foi um pouco difícil, porque a empresa não tinha mais recurso pra quitar, como é que chama? É os direitos trabalhistas, entendeu? Então muita gente recebeu parcelado, entendeu? Mas quitou muito na justiça, mas conseguiu quitar.”³³

Nessa mesma perspectiva, Antônio relata que não se lembra dos motivos do fechamento da empresa em si, mas que foi uns dos trabalhadores a buscar seus direitos na justiça “eu tinha até muito tempo pra receber, mas não lembro quando foi não”, quando questionado se chegou a receber seu tempo de trabalho, ele discorre que:

Botei na justiça e recebi pelo caso. Todo mundo botou, eu disse, o meu eu não perco não. [...] metade ficou com medo, eu não fiquei com medo não, eu não vou correr atrás do meu?, já tenho tanto tempo perdido, vô perder nada, não botei na justiça, recebi.

Embora reconhecessem a importância da empresa em suas vidas, os trabalhadores e trabalhadoras não estavam dispostos em abrir mão de seus direitos nem em condições de

³¹ JESUS, Damiana dos Santos de (depoimento), op. cit.

³² BARBOSA, Maria José Alves (depoimento), op. cit.

³³ CRUZ, Antônio Carlos dos Santos (depoimento), op. cit.

compartilhar os prejuízos da empresa. O impacto do fechamento das empresas fumageiras gerou a necessidade de se pensar em como reverter o quadro socioeconômico deixado pelo declínio de uma cultura que, durante muitos anos, representou a principal fonte emprego e renda para a sociedade e a economia da cidade. Um ponto a ser destacado foram as alternativas apresentadas aos trabalhadores, para uma adaptação a novas atividades econômicas antes alicerçada na cultura fumageira. Ocupante do cargo de vice-prefeito de Cruz das Almas, na época, Edson Ribeiro destaca a gestão do então prefeito, Raimundo Jean Cavalcante da Silva³⁴ na busca de alternativas para a cidade, para a tentar suprir os problemas que surgiram após os fechamentos das empresas e a redução da atividade fumageira no período.

Segundo Edson Ribeiro³⁵, o fechamento dessa empresa teve um grande impacto na sociedade cruz-almense, mas a então gestão municipal buscava outros mecanismos para suprir o problema da redução de postos de trabalho. Logo, buscou-se introduzir indústrias ligadas ao polo calçadista, criando de acordo com este, oportunidades para os trabalhadores remanescentes da indústria do fumo, inclusive das fabricas de charutos como a Suerdieck entre outras, que já tinham experiências com trabalhos manuais e artesanais.

Por todos esses aspectos, a cultura fumageira foi importante para a cidade de Cruz das Almas e de seus habitantes, principalmente para as pessoas que se sustentavam a partir dela, logo, os trabalhadores e suas famílias, o comercio entre outros pontos. Na atualidade, a maioria dos trabalhadores da indústria fumageira, sobretudo da Agro se encontram aposentados, a partir dos tempos de trabalhos obtidos por esta, e veem essa empresa e a atividade fumageira como um alicerce fundamental para seu desenvolvimento familiar.

³⁴ Natural de Alagoinhas, Raimundo Jean Cavalcante Silva é médico formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Conhecido no município de Cruz das Almas por Dr. Jean, ele cumpriu mandatos como chefe do executivo municipal em três oportunidades, sendo eleito em 1996, 2000, e 2012. Dr. Jean ocupou, também, o cargo de vice-prefeito entre os anos de 1989 e 1992.

³⁵ RIBEIRO, Edson José (depoimento), op. cit.

CONCLUSÃO

A partir das fontes analisadas evidencia-se a importância da cultura fumageira como uma atividade fundamental para a economia e a sociedade do Recôncavo baiano e, especialmente, para a cidade de Cruz das Almas. A importância da cultura fumageira não se limitou à participação destacada do setor de produção na economia estadual, mas, sobretudo à variedade de atividades que a compunham, desde o cultivo e colheita do fumo, passado pelo preparo, enfardamento e comercialização das folhas e até manufatura de cigarros e charutos. Todas essas etapas geravam uma grande necessidade de contratação de mão-de-obra, proporcionando empregos para indivíduos da cidade e do espaço rural, inclusive para pessoas de outras cidades.

Como subsidiária da fábrica Suerdieck, Agro Comercial Fumageira tornou-se uma grande empresa de cultivo de fumo desde a sua fundação na década de 1950, enquanto fornecedora da matéria prima essencial para a fabricação de charutos e cigarros. Sendo a Agro uma empresa criada pela Suerdieck e sua subsidiária, logo as empresas mantinham uma relação de dependência recíproca. No final do século XX, uma sucessão de fatores, problemas de gestão interna, uma praga que provocou a perda de safra, juntamente com uma crescente discussão e aprovação de medidas contra o consumo do tabaco, resultaram no fechamento das duas empresas.

O trabalho na Agro Comercial Fumageira era realizado por pessoas, na maioria, provenientes da área rural do município. Aproveitando que grande parte desses indivíduos já possuíam experiências anteriores com o trabalho no campo, o que difere nesse período é a entrada desses indivíduos ao trabalho formal e assalariado.

Essa forma de trabalho viria a ser adotada não só pelos homens, mas principalmente pelas mulheres, tornando-as uma força de trabalho predominante. As mulheres, assim sendo, realizavam as mais diversas atividades presentes na empresa de plantio, atuando desde a plantação do fumo até o beneficiamento deste produto.

Diante desse aspecto, esse vínculo empregatício para esses trabalhadores, antes agricultores, vai propiciar uma renda fixa por alguns meses. Logo, seria necessária a dedicação às atividades designadas, em vista, a garantia do trabalho no ano seguinte. Assim, para as pessoas que trabalhavam nos campos produtores, esse emprego era um importante meio de renda para a sua subsistência e de sua família. Consequentemente, o fechamento da Agro vai desenvolver incertezas quanto ao trabalho e a sua renda.

O fechamento das empresas do ramo fumageiro, em especial Agro Comercial e a Suerdieck impactou profundamente na economia e na sociedade cruz-almense, sobretudo entre os trabalhadores, com o fechamento dos postos de trabalho, que empregavam um expressivo número de mão de obra na cidade. Muitos empregados ainda tiveram que recorrer à Justiça do Trabalho para reaver as indenizações rescisórias. A crise logo se fez sentir no comércio local, com a redução do consumo, o fechamento de pequenos comércios e queda da arrecadação municipal.

Como saída para a crise dessa atividade, coube à sociedade e ao poder público buscar alternativas para repor as fontes de emprego e renda e minimizar os efeitos no comércio e na arrecadação municipal. Uma alternativa foi busca de novos segmentos industriais, capazes de absolver parte dessa mão-de-obra, bem como, a volta de muitos homens e mulheres à agricultura familiar, além da implantação de novas empresas do segmento fumageiro, como a Fumex Tabacaleira entre outras, que se estabeleceram com um porte de produção reduzido em comparação as empresas fechadas.

É importante destacar que a cidade de Cruz das Almas não encerrou em sua totalidade a atividade fumageira, contudo, houve uma redução significativa após o fechamento das referidas empresas. Portanto, discutir sobre o desenvolvimento desse setor e das empresas que atuaram nesse segmento é mais uma contribuição importante para se compreender a historicidade deste município e do Recôncavo.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

BIBLIOGRAFIA

- BARICKMAN, B. J. *Um Contraponto Baiano: Açúcar, Fumo, Mandioca e Escravidão no Recôncavo 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 445 p., il.
- BATALHA, Cláudio H. M. “A história do trabalho: um olhar sobre os anos 1990”. *História*, São Paulo, n. 21, p. 73-87, 2002.
- CASTRO, Hebe. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campus, 1997. Cap.2.
- CAVALCANTE, Tânia Maria. “O controle do tabagismo no Brasil: avanços e desafios”. *Revista Psiquiatria Clínica*. 32 (5); 283-300, 2005.
- COELHO, Cecily Almeida. *A crise na agro-indústria fumaceira e os impactos na economia na região do Recôncavo baiano*. (Local? Editora? 1999.
- COSTA PINTO, L. A. “Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana”. In: BRANDÃO, Maria A. (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALBa; UFBA, 1998, pp. 101-183.
- CUNHA, Mário Pinto da. *História de Cruz das Almas*. Bahia, 1959. Salvador. Acervo da Biblioteca Municipal Carmelito Barbosa Alves.
- DEZEMONE, Marcus. “Impactos da Era Vargas no mundo rural: leis, direitos e memória”. *Perseu: história, memória e política*, vol. 1, nº 1. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- FILHO, Carlos Augusto Pereira. *A Citricultura no Estado da Bahia: Uma Análise Econométrica da oferta e da Demanda de Laranja*. Universidade de São Paulo, 1980.
- FORTES, Alexandre [et. al.]. *Na luta por direitos: leituras recentes em história social do trabalho*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.
- GONÇALVES, JRC. “Identificação de doenças de plantas cultivadas: frogeye do fumo-causada por *Cercospora nicotiana* e E & E”. (...) 1961.
- GRYNSZPAN, Mario. A questão agrária no Brasil pós-64 e o MST. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. HOBBSAWN, Eric. *Sobre história: ensaios*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Cap.6.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JESUS, Ivana Silva de. “A cultura do fumo no Recôncavo da Bahia: tradição e mudança”. SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2007.

LOPES, Gustavo Acioli. “Caminhos e descaminhos do tabaco na economia colonial”. *MNEME – revista de humanidades* - “Dossiê cultura e sociedade na América Portuguesa colonial”. v. 5, n. 12, nov. 2004.

NEGRO, Antonio L.; GOMES, Flávio. “Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho”. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 18, nº 1, 2006, pp. 217-240.

NETO, André Pereira ; RANGEL, Erica Cavalcanti ; CAVALCANTE, Tania ; OLIVEIRA, Egléubia Andrade ; SILVA, Vera Luiza da Costa e . “O processo decisório de ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco da Organização Mundial da Saúde no Brasil”. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2017, vol.33, n.15.

OLIVEIRA, José Mário Carvalhal de. *A cultura do fumo na Bahia*: refletindo sobre a convenção-quadro. Revista Bahia Agrícola, v.7. n.2. Salvador, abril. 2006. 57-63p.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*: a árvore da liberdade, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes e comum*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998, pp. 25-85.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*: história oral. São Paulo; Paz e Terra; 3. ed; 2002. 385 p.

PINTO, Ana Maria Guerreiro. PASSOS, Célia Maria Dultra. FALCÓN, Gustavo Aryocara de Oliveira. SAPATO, José Luís Pamponet. SANTOS, Luís Chateaubriano Cavalcante dos. MEIRA, Mércia Maria Lima. **Diagnóstico da Indústria Fumageira da Bahia**. Grupo de Trabalho de Estudo e Pesquisa. Salvador, Bahia. Dezembro 1979.

PRIORI, Angelo [Org.]. **O mundo do trabalho e a política**: ensaios interdisciplinares. Maringá: EDIEM, 2000. 226 p.

PORTES, Leonardo Henriques. MACHADO, Cristiani Vieira. Revista Panamericana de Salud Publica 38, 370-379, 2015.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Suerdieck, epopeia do gigante**. Ubaldo Marques Porto Filho. Salvador: Ubaldo Marques Porto Filho, 2003. p.400.

RAMOS, Yuri Caires. PASSOS, Orlando Sampaio. BRANDÃO, Luciano dos Santos. Cruz das Almas, BA: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2014., 2014

SANTANA, Alino Matta. **O livro do centenário**, 1897-1997. Marcos do progresso de Cruz das Almas. Edição especial do centenário. Prefeitura municipal de Cruz das Almas- BA. 1997.

_____. **O Valor do Tabaco para Cruz das Almas**. Ed. Nova Civilização, 2013. 68p.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fartura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia. 1950-1980**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Milton. **A rede Urbana do Recôncavo**. Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição. Org. Maria de Azevedo Brandão. Ed. Casa de Palavras. Fundação Casa de Jorge Amado. Salvador, 1998.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Mulheres fumageiras do Recôncavo baiano: Heranças socioculturais**. Textura, Governador Mangabeira-BA, v. 6, n. 11, p. 01-06, jan./jun., 2013.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer charutos: uma atividade feminina*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: FFCH/UFBa, 2001.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as trabalhadoras fumageiras do recôncavo baiano**. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Sandra Tavares da. MARTINS, Mariana Campos. FARIA, Franciane Rocha de. COTTA, Rosangela Minardi Mitri. Combate ao Tabagismo no Brasil: a importância estratégica das ações governamentais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 539-552, 2014.

SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. *Lei e costume: experiências de trabalhadores na Justiça do Trabalho (Recôncavo Sul, Ba, 1940-1960)*. Salvador: EDUFBA, 2012.

STÉDILE, João Pedro (org.). *A questão agrária hoje*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANCA, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campus, 1997. Cap.5.

Sites:

BINGRE, Edisandro Barbosa. Resumo Histórico da Fumicultura em Cruz das Almas. Almanaque Cruzalmense. Disponível em: <https://almanaquecruzalmense.wordpress.com/2023/01/07/resumo-historico-da-fumicultura-em-cruz-das-almas/>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

INSTITUTO Nacional do Câncer. Prevalência do tabagismo. Disponível em: [https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/prevalencia-do-tabagismo#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Vigitel%202021,6%2C7%25%20entre%20mulheres](https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/prevalencia-do-tabagismo#:~:text=Segundo%20dados%20do%20Vigitel%202021,6%2C7%25%20entre%20mulheres.). Acesso em: 30 de maio de 2023.

INSTITUTO Nacional do Câncer. Tabagismo Passivo. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/tabagismo/tabagismo-passivo#:~:text=Tabagismo%20passivo%20%20C3%A9%20a%20inala%20C3%A7%20C3%A3o,t%20C3%B3xicas%20que%20o%20fumante%20inala>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana de Saúde. Tabaco. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/tabaco>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

Fontes Oraís:

ARAÚJO, Maria da Cunha. 65 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

BARBOSA, Maria José Alves, 67 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

JESUS, Damiana dos Santos de, 65 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

SANTOS, Antônio do Nascimento, 63 anos de idade, vigilante morador da Umbaubeira Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

SILVA, Maria da, 66 anos de idade, safrista na Agro Comercial Fumageira, moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

SILVA, Tereza Vale da, 60 anos de idade, safrista moradora da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

SANTOS, Jaime Pereira dos, 65 anos de idade, comerciante, nascido em Muritiba, mora em Cruz das Almas Bahia, 2023.

NETO, Artur Silveira. 81 anos de idade, comerciante morador do bairro Susana em Cruz das Almas Bahia, 2023.

RIBEIRO, Edson José, 60 anos de idade, administrador, comerciante, politico mora no bairro Lauro Passos em Cruz das Almas Bahia, 2023.

CRUZ, Antônio Carlos dos Santos de, 58 anos de idade, encarregado na Agro Comercial Fumageira e Fumex Tabacaleira, morador da Umbaubeira, Zona Rural de Cruz das Almas Bahia, 2023.

